



CÂMARA MUNICIPAL DE IRAS

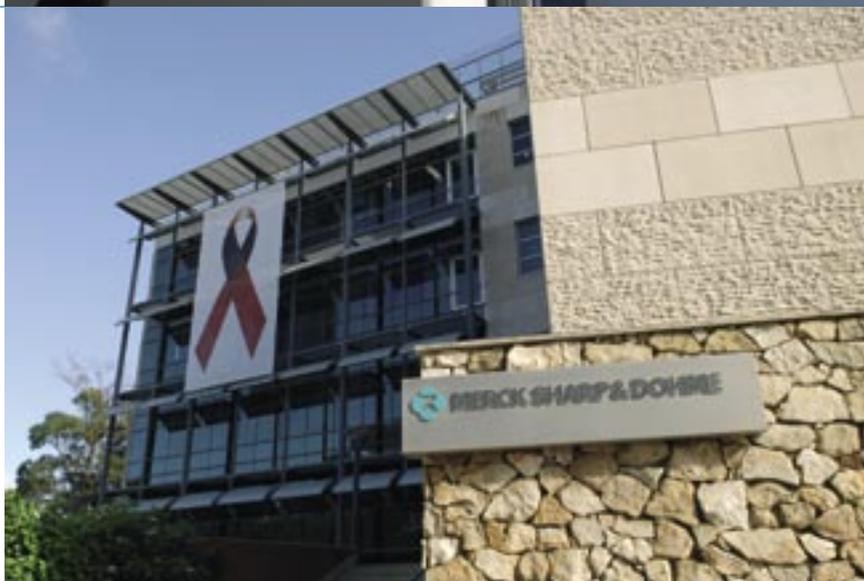
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

IMPRESSÃO 0,25 euros

Nº 90

DEZ 06

O EIRAS EM REVISTA



| ÍNDICE |

INEVITÁVEL | 4

ENTREVISTA | 6
SMAS de Oeiras e Amadora

| 12
Fábrica da Pólvora

VIVÊNCIAS | 18
Rodrigo Guedes de Carvalho

BOLSAS CIENTÍFICAS | 22
Oeiras, com primeiro pólo tecnológico do país

LAÇOS | 26
Universidade Sénior de Oeiras

PARCERIAS | 30
Merck Sharp & Dohme

FORMAS | 36
O sacrilégio da cor

ESPECIAL COLEÇÃO DE ARTE, MANUEL DE BRITO | 46
Palácio Anjos

OEIRAS IMAGINÁRIA | 52
Ser uma obra de arte

CAUSA PÚBLICA | 56
Comando Naval

INOVAÇÃO | 60
Investigadores do ITQB
reconhecidos internacionalmente

INESQUECÍVEL | 66

A ARTE DO SABOR | 68
Um sabor especial

BIOGRAFICAMENTE | 70
José Joaquim de Almeida

OEIRAS, RESPIRA ARTE

Caros munícipes,

Esta 'OeirasemRevista' respira arte. Arte nas suas mais variadas vertentes. Arte como sinónimo de dom, de genialidade, de talento, de destreza e de capacidade. Esta arte de que vos falo é muito abrangente: é a arte de saber dirigir, de saber recuperar, de descobrir moléculas que nos ajudem a ser cada vez mais saudáveis, arte de saber cozinhar, saber pintar e saber olhar. Arte de sabermos dar um pouco de nós, como os programas de voluntariado e de saber ensinar, como a universidade sénior.

Mergulhamos nesta publicação e a arte está espalhada. E porque falo de arte é incontornável falar-vos do Centro de Arte, Manuel de Brito. Incontornável pela sua importância e dimensão cultural, mas também por aquilo que esta 'peça' representa a



Esta 'OeirasemRevista' respira arte. Arte nas suas mais variadas vertentes. Arte como sinónimo de dom, de genialidade, de talento, de destreza e de capacidade.

quem a visita. Deixem-me ser um pouco mais afectivo, deixar de lado alguma institucionalidade que sempre pode existir. Quando terminamos as negociações com a Família Brito e se criou o Centro de Arte, minha alegria foi desmesurada. No entanto, mesmo aí, estava longe de sentir aquilo que senti aquando da inauguração. Colocar Oeiras no panorama, por excelência, da arte contemporânea portuguesa foi uma sensação que jamais esquecerei.

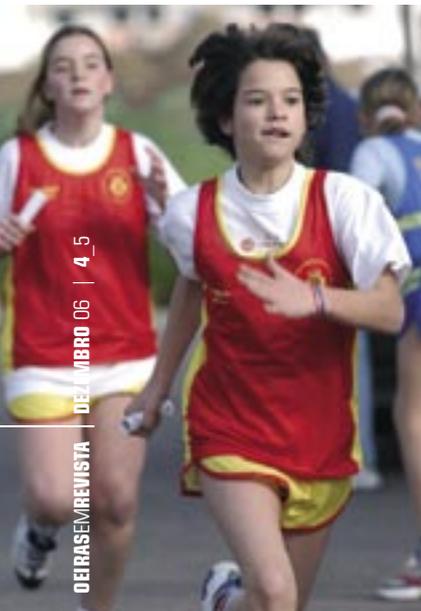
Olhando para o Palácio Anjos, sinto que as obras que ele acolhe ainda o alteiam mais. Elevam-no à categoria de Palácio dos sonhos, porque é romântico, porque é um espaço que apela aos sentidos. A união entre o espaço físico, Palácio, e o acervo da colecção contemporânea, Manuel de Brito, formam uma ligação que não deixará ninguém indiferente. Estamos de portas abertas, convidamos todos, munícipes ou não, a irem a Algés e a visitarem a exposição que estará patente até Março de 2007. Em Abril, esta colecção dará lugar a outra e assim consecutivamente durante 11 anos. 11 anos para mostrarmos 2000 peças de arte, entre pintura e escultura, que foram o projecto de vida de um grande galerista e hoje está a ser dignamente seguido pela família Brito. Queremos estar à altura e sinto que estamos. Mas é lá, no terreno, a terem acesso ao que de melhor se produziu no campo das artes em Portugal que gostava de vos ver. Lá, onde o tempo ganha outra dimensão e onde nos devemos sentir ladeados pelas cores e formas.

Lá, no Palácio Anjos.

O convite está feito.

O Presidente da Câmara

Isaltino Morais



Programa 'Melhor Exercício, Mais Saúde' - 'Mexa-se Mais'

Programa de promoção de actividades de ar livre 2007

O Programa de Promoção de Actividades de Ar Livre insere-se no âmbito do programa municipal de promoção da prática de actividade física regular, sob o lema "Mexa-se Mais", e os seus objectivos prendem-se, em consonância com este, com a disponibilização de oportunidades acrescidas para praticar actividade física em grupo, descobrir novas modalidades e formas de prática, aliando a estas o conhecimento e divulgação de diversos locais de interesse histórico e cultural do concelho de Oeiras.

Tendo início em 2002, apenas com as vertentes de caminhadas e passeios em btt, logo viu, devido ao sucesso imediato da iniciativa, o seu leque de modalidades crescer significativamente, abarcando, actualmente, para além das actividades iniciais, a prática de orientação – uma modalidade em franco crescimento em Oeiras – mas também procurou envolver uma componente náutica, tradicionalmente forte neste Concelho, pela integração de actividades de canoagem e vela. Verificou-se a necessidade de usufruir da vantagem da localização de diversas instalações desportivas no Concelho, como é exemplo maior o Complexo Desportivo de Jamor, mas também espaços normalmente não tão explorados, como a Estação Agronómica Nacional, o Complexo da Fábrica da Pólvora de Barcarena ou a Serra de Carnaxide, os quais se constituem como locais sublimes para a prática desportiva, que o Programa de Promoção de Actividades de Ar Livre pretende dar a conhecer à população em geral.

O número de acções teve um crescimento natural, desde o início do Programa, para quase o dobro,

aproximando-se, actualmente, do seu máximo potencial. Este traduz-se, hoje em dia, num envolvimento anual de cerca de 1200 participantes, estimando-se que, desde o seu início, cerca de 6000 participações. A sua proveniência é variada, reconhecendo-se, no seu conjunto heterogéneo, grupos de amigos, mais ou menos novos, famílias, curiosos e entusiastas sedentos de cultura e do prazer que advém da prática de actividade física em grupo, da componente da sociabilização, da interacção e da partilha de experiências.

Por fim, uma palavra para a segurança, questão transversal ao próprio Programa, que se manifesta na presença de técnicos especializados que auxiliam os participantes nos aspectos específicos de cada modalidade, assegurando o enquadramento necessário ao seu normal funcionamento, mas também na existência de um seguro de acidentes pessoais que cobre cada um dos participantes nas acções do Programa.

Parece-nos, por tudo o que mencionámos, que tem razões suficientes para aceitar o nosso desafio, reunir a família, convidar os amigos e vir passar as manhãs de Sábado de uma forma activa! Comece já no próximo mês de Fevereiro; seleccione uma das actividades que lhe propomos a seguir e junte-se a nós! Para conhecimento da programação e mais informações, contactar:

Tel.: 21 4408548

Fax: 21 4408511

e-mail: mexa-semas@cm-oeiras.pt

URL: www.cm-oeiras.pt

Verney no início de 2007

As «Quintas-feiras Culturais» voltarão à Livraria-Galeria municipal Verney em Janeiro, dia 4, pelas 16:00 com a primeira sessão «Música sob tela», a cargo da pintora Dinara Dindarova que levará a cabo um projecto invulgar que associa a pintura à música, pintando quadros ao som e sob a inspiração de trechos de música clássica. A segunda sessão das «Quintas-feiras culturais» deste mês terá lugar a 25 de Janeiro, às 16:00, sendo dedicada a João Baptista Coelho, da Associação Portuguesa de Poetas.

No dia 6 de Janeiro inaugurará, às 15:00 na galeria municipal, uma mostra do pintor Albino Moura e do escultor João Duarte, associada à apresentação literária da escritora Teresa Rita Lopes, que poderá ser visitada até 25 de Fevereiro.

Para mais informações contacte a Livraria – Galeria Verney – Rua Cândido dos Reis, 90 A

Tel: 214 408 391

Ou

www.cm-oeiras.pt





2007 - 25 anos de Promoção do Xadrez em Oeiras

O Programa de Promoção do Xadrez completa, em 2007, o seu primeiro quarto de século de existência. Foi em 1982 a Câmara Municipal de Oeiras pioneira na identificação do Xadrez como modalidade prioritária e na consequente implementação de um programa destinado a promover a sua prática.

Hoje a Câmara Municipal de Oeiras actua de modo essencialmente supletivo: apoia em material e know how as colectividades e escolas que se dedicam ou querem vir a dedicar à prática da modalidade e mantém um quadro competitivo municipal adequado às necessidades daquelas. Entendemos, pois, que a oferta da câmara se deve dirigir aos que, se ela não existisse, não teriam acesso à prática do xadrez, entre os quais os que, não sabendo jogar, pretendem aprender.

Em 2007 iremos manter os três projectos que desde 2002 têm vindo a dar corpo àquele conceito:

O projecto "Circuito de Xadrez Oeiras 2007" reúne numa classificação conjunta as diversas iniciativas competitivas do xadrez no concelho de Oeiras, sejam de génese municipal sejam promovidas pela sociedade civil.

O projecto "Faça Você Mesmo" consiste em prestar apoio técnico, documental e em material de jogo às en-

tidades que pretendam desenvolver acções, pontuais ou sustentadas, de promoção do xadrez. Para beneficiar deste projecto, basta às colectividades, escolas ou outras entidades, formalizar o seu pedido à Câmara que avaliará por critérios de eficácia, idoneidade e disponibilidade, a concessão do apoio pretendido.

O projecto "Vem aprender a jogar xadrez connosco" destina-se a apoiar técnica e materialmente entidades que pretendam investir no ensino do xadrez.

O 25º ano do Programa de Promoção do Xadrez apresenta-se como uma ocasião de rever o passado, mas também de perspectivar o futuro. E este passa por certo pela oferta do ensino do xadrez como resposta à crescente procura que existe nesse momento por parte dos educadores. O valor formativo do xadrez não tem hoje discussão – apura o raciocínio, exercita a memória, reforça a concentração, estimula a imaginação, aguça o poder de observação, aumenta a capacidade de análise e síntese, numa palavra desenvolve a inteligência – e como tal cada vez mais pais querem ver o xadrez como parte da educação dos seus filhos. A Câmara Municipal de Oeiras cá estará para dar o apoio necessário. Para mais informações contacte a divisão de Desporto da Câmara Municipal de Oeiras.

Café com Letras continua em 2007

Durante o ano de 2007, as doze sessões previstas para este projecto terão como protagonistas e lugar privilegiado, os autores da poesia portuguesa. Existirá, ainda, uma articulação com as sessões previstas no âmbito da BiblioFesta. Algumas presenças ainda estão à espera de confirmação, no entanto, ficam com a programação prevista:

Janeiro – Vasco Graça Moura – 19 de Janeiro, BMO, 21H30 (confirmado)

Fevereiro – António Osório – 28 de Fevereiro, BMA, 21H30 (a confirmar)

Março – Maria do Rosário Pedreira – 28 de Março, BMC, 21H30 (a confirmar)

Abril – Manuel Alegre – 21 de Abril, BMO, 21H30 (confirmado)

Maió – José Tolentino de Mendonça - 30 de Maio, BMC, 21H30 (a confirmar)

Junho – Adília Lopes - 28 de Junho, BMA, 21H30 (a confirmar)

Setembro – José Luís Peixoto – 26 de Setembro, BMO, 21H30 (a confirmar)

Outubro – Pedro Tamen – 31 de Outubro, BMA, 21H30 (a confirmar)

Novembro – Nuno Júdice – 28 de Novembro, BMC, 21H30 (a confirmar)

Café com Letras, na música, tendo por convidados autores da música portuguesa que tenham no seu reportório autores da poesia portuguesa:

18 de Abril, 21H30, BMO – João Gil (confirmado)

19 de Abril, 21H30, BMO – Rui Reininho

20 de Abril, 21H30, BMO – Carlos do Carmo

Moderador: Carlos Vaz Marques

Este projecto tem o apoio TSF



SMAS de Oeiras e Amadora A RAZÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA É O CLIENTE

DEZEMBRO 06 | 67
OEIRASEMREVISTA

Um ano decorrido sobre a posse da nova Administração do SMAS de Oeiras e Amadora o tempo, mais do que de balanço, é de criar os alicerces para que este organismo municipalizado, mas com cariz cada vez mais intermunicipal, dê os primeiros passos naquilo que considera ser a tarefa prioritária de um mandato: aproximar um serviço essencial ao desenvolvimento sustentado das populações de padrões de qualidade que, uma vez instituídos, dificilmente são passíveis de retrocesso. Nesta edição da "OeirasemRevista" fomos ouvir Nuno Campilho, Administrador dos SMAS, e Gabriela Borrego, a Directora-Delegada — um cargo para o qual foi nomeada em Maio passado e que tem por função prioritária operacionalizar no terreno essa melhoria da qualidade de vida dos munícipes/clientes de Oeiras e Amadora.





Nuno Campilho, administrador dos SMAS

Sucesso dos smas passa pelo envolvimento dos consumidores

Aproximar o SMAS de Oeiras e Amadora dos cidadãos e levá-los a sentir a empresa como elemento essencial para uma melhor qualidade de vida e para o seu desenvolvimento sustentável é o objectivo a que Nuno Campilho – o administrador responsável pela tarefa titânica de difundir a nova imagem do SMAS e, simultaneamente, dotar os recursos humanos da empresa da melhor preparação possível para fazer face aos desafios que aí vêm – se propõe alcançar a curto prazo.

Exigir comportamentos responsáveis dos cidadãos quanto ao uso racional da água e ao usufruto sustentável de recursos escassos implica dar o exemplo. É por isso que ao mesmo tempo que assume a vontade de ver todos os municípios de Oeiras e Amadora assumirem a responsabilidade de racionalizarem o consumo da água e, simultaneamente, a não adoptarem comportamentos ambientais desadequados – que afinal acabam por prejudicar todos – Nuno Campilho interiorizou que a primeira tarefa é apostar na formação profissional dos recursos humanos do SMAS.

Para já, assente na máxima **“SMAS, pelo bem que a água lhe faz”**, Nuno Campilho levou a empresa a sair do edifício de espelhos onde funciona a sua sede para a casa de cada um. Pode dizer-se, hoje, que só por distração ou vontade própria se desconhece a mensagem que os SMAS pretendem levar aos municípios dos concelhos de Oeiras e Amadora. De facto, em todos os pontos estratégicos dos dois concelhos existem mupis e outdoors com a nova imagem do

SMAS e, ainda que assim não fosse, todas as iniciativas de grande mobilização de público que recentemente tiveram lugar nos dois concelhos, tiveram a presença da empresa – seja através de elementos fixos (como stands), quer através de elementos volantes como t-shirts, copos, bonés ou, até, distribuição de água por “aguadeiros” de ocasião, mobilizados para distribuir água dos SMAS aos visitantes de certames ou durante provas desportivas.

A massificação da imagem tem um objectivo claro: **“Queremos que os municípios de Oeiras e Amadora sintam os SMAS não como uma empresa externa que lhes presta um serviço e lhes fornece um bem mas, antes, como sendo deles e que vive em função do seu desenvolvimento sustentado. O sucesso dos municípios enquanto consumidores é o nosso sucesso. E por cada gesto que reflecta um uso racional desse bem tão escasso como é a água, o ganho é evidente para os SMAS e tem repercussões imediatas e de sustentabilidade a longo prazo na qualidade de vida dos consumidores”** – esclarece Nuno Campilho.

Não é por isso de estranhar que o papel de notoriedade dos SMAS comece a dar os primeiros passos exactamente na escola: **“Sentimos, ou temos sentido, que os nossos primeiros aliados são as crianças. E se, por vezes, é difícil passar a mensagem ao consumidor de que deve ter uma atitude responsável e parcimoniosa no consumo de água e no tratamento das águas residuais, já sabemos que essa mesma mensagem é por eles muito melhor acolhida se for transmitida por uma criança. Estamos mais habilitados a ouvir os nossos filhos do que os conselhos de entidades que nos aparecem quase por decreto, como se de outra informação útil se tratasse”** – esclarece Nuno Campilho, para acrescentar:

“Daí que não haja nos dois concelhos (de Oeiras e Amadora) iniciativa que envolva crianças que não tenha a nossa marca. O assunto foi encarado por nós com importância tal que tratámos de contratar um teatro de marionetas onde o ciclo da água e os concelhos úteis são transmitidos aos mais novos. É o nosso contributo para a formação da cidadania desses jovens”. E esta, embora não seja uma tarefa concluída é, pelo menos, uma tarefa já ganha. O “stand” dos SMAS, onde quer que ele esteja com vocação para os mais novos, é o mais frequentado e, hoje, não será raro vermos uma criança, em casa, a ensinar o pai que deve moderar o consumo de água durante o banho ou quando faz a barba através do gesto tão simples como fechar a torneira enquanto se ensaboa. De pequenos gestos se faz o sucesso da missão.

Educação ambiental para adultos

Mas se os jovens são aliados, o mesmo não se pode dizer de muitos comportamentos hoje assumidos por adultos. É verdade que a maior parte dos problemas de ambiente que afectam, por exemplo, as ribeiras do concelho de Oeiras, têm origem em diatribes ambientais cometidas no vizinho concelho de Sintra. Ainda assim, **“acabamos por educar os adultos pela forma que menos nos agrada: a forma coerciva. Hoje, é impossível aceitar-se que qualquer munícipe ou qualquer indústria instalada nos nossos concelhos não saiba as regras do bom comportamento ambiental. É por isso que para além de uma monitorização constante das fábricas susceptíveis de provocar descargas e atentados ambientais, somos intransigentes quando alguém pisa o risco. Não podemos, sob pena de entrarmos pelo caminho do descrédito, poupar-nos a esforços no sentido de dizer quais os comportamentos adequados desta ou daquela indústria, deste ou daquele agente do sector produtivo”** – acrescenta Nuno Campilho.

Poder adequar a estrutura organizativa – num processo que se encontra a ser conduzido pelo Administrador Jorge Bico – a uma maior consciencialização ambiental, é, também, uma das principais prioridades, estando em estudo a criação de uma área de gestão e promoção ambiental que, mais uma vez e como tem sido propósito da equipa gestora dos Serviços, laborará de dentro para fora e, chegando lá fora, chega-se a um **“ponto sem retorno”**, com entusiasmo e acréscimo de responsabilidade para os SMAS, agora, também, numa continuada e empenhada educação ambiental para os **“mais crescidos”**.

Perguntar aos clientes para os servir melhor

Esta aproximação aos clientes dos SMAS vai passar por ouvi-los. A administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Oeiras e Amadora **“não pode voltar as costas à sua principal razão de ser: os clientes/munícipes. É por isso que a nossa opção vai no sentido de passarmos a enviar com a factura pequenos questionários onde os munícipes nos ensinem a ir ao encontro dos seus anseios e preocupações”** – diz Nuno Campilho, para pormenorizar:

“Para além de termos incluído no calendário das acções workshops e trabalhos que implicam contacto directo com as populações, onde vamos falar até à exaustão na obrigação cívica de tratarmos a água como bem escasso que é, vamos também dotar todo o nosso pessoal de formação que lhes permita saber ouvir e, se possível, dar imediatamente ao munícipe que os interpela uma resposta adequada”.

“Temos dezenas de funcionários na rua, todos os dias, em contacto directo com os consumidores. Felizmente para nós, eles estão imbuídos deste espírito de fazer chegar a nova mensagem à população. Até porque sabem que quanto mais adequado for o comportamento do consumidor, mais facilitada está a tarefa profissional dos que aqui trabalham. É com essa sinergia de esforços que estamos certos de que os SMAS de 2007 não irão mais ser iguais aos SMAS deste ano e assim sucessivamente. Este não é um trabalho para se fazer. É para se ir fazendo, colhendo frutos cada dia que passa. E é com esta evolução permanente que nos havemos de tornar num serviço de excelência. Melhor do que aquele que já somos hoje. E estou ciente de que já o somos” – afirma, determinado, Nuno Campilho.





Gabriela Borrego, Directora-Delegada dos SMAS de Oeiras e Amadora

A motivação dos funcionários é a garantia de um serviço de qualidade

Apostada em dotar todos os funcionários dos conhecimentos bastantes que lhes permitam encarar com naturalidade as exigências dos clientes, Gabriela Borrego, a directora-delegada dos SMAS não desfruta enquanto não vir na máxima de **“que o cliente tem sempre razão”** o motivo maior para, com padrões de qualidade rigorosos, atingir o patamar da certificação da empresa para a qual foi nomeada em Maio passado.

Determinada a pensar que **“só com funcionários bem preparados e disponíveis para, e com recurso às novas tecnologias, responderem prontamente às solicitações constantes que lhes são dirigidas, é possível atingir o patamar da excelência”**, Gabriela Borrego, acredita que com uma maior ligação entre os SMAS e a população vai ser possível, de futuro, levar a que muitos dos que o encaram apenas como um prestador de serviços, o passem a considerar, também, um parceiro.

“É verdade que nos demos a conhecer e que, paulatinamente, estamos a falar cada vez mais com os clientes. Mas de que serviria isso se, simultaneamente, não criássemos mecanismos de resposta que permitem, em tempo real ou, se quisermos, no mais curto de espaço de tempo possível, responder adequadamente àqueles que nos procuram?” – questiona Gabriela Borrego, para esclarecer:

“Neste momento estamos todos empenhados em criar um call-center activo que permita, ou com recurso à Internet ou – uma vez que ainda lidamos com franjas da população muito desinseridas – com recurso ao tradicio-

nal telefone, correspondência escrita, ou atendimento presencial, solucionar os problemas que diariamente nos são colocados e dar uma resposta cabal às solicitações que não permitem essa resposta célere. Queremos, com o tempo, criar um ‘bilhete de identidade’ do consumidor. Algo que nos permita, mais do que não seja através do fornecimento de número de cliente, traçar todo o perfil desse consumidor, integrá-lo no tempo e no espaço e, a partir daí, encontrarmos a solução que lhe é mais adequada”.

E não se pense que este call-center se destina apenas a reclamações, à participação de fugas ou, simplesmente, à comunicação de um corte. **“Não! Queremos que as pessoas sintam os SMAS como parte de uma solução para um problema que os afecta naquele momento e que não sejam excessivamente burocratas ao ponto de se transformarem numa agravante dos seus problemas”.**

“Qualquer empresa moderna e cujo ‘core business’ seja o fornecimento de serviços ou bens debate-se, invariavelmente, com o problema dos créditos mal parados ou as cobranças difíceis. A solução não passa só pela acção coerciva. Se calhar, a melhor forma de levarmos essa pessoa ou empresa a ser cumpridora é criarmos um mecanismo que lhe permita pagar faseadamente, dentro de parâmetros de rigor mas, simultaneamente, de alguma humanidade. De que serve a acção coerciva se, depois de perder o cliente, tarde ou nunca recuperamos o crédito? É esta forma de pensar, de levar cada um dos consumidores e nossos clientes a ter a noção de que o prejuízo que estão a provocar aos SMAS se vai reflectir nele próprio, que decerto vai contribuir para que todos, como verdadeiros cidadãos, possam despertar para a educação e para a cidadania. Uma responsabilidade de todos e de cada um de nós” – esclarece, convicta, Gabriela Borrego.

Certificação vai tornar-nos mais exigentes

Uma das metas a alcançar a curto/médio prazo vai no sentido da certificação de todas as competências assumidas pelos SMAS, quer na vertente administrativa, quer operacional:

“Queremos ser exigentes com o nosso serviço para que possamos ter outro nível de crédito quando exigimos. Cada equipamento, cada prestação de serviço, cada rede será certificado. Só assim podemos assumir com fronteira a necessidade de exigirmos a quem nos fornece distinção igual. De que serve fazermos tudo ‘direitinho’ e sob grandes padrões de qualidade se, de seguida, um qualquer fornecedor de bens ou serviços instala mal um equipamento – ou o material é de má qualidade –



sobrando para nós a responsabilidade do dano provocado ao cliente? A certificação é um processo que nos traz credibilidade mas que também nos dá um outro grau de exigência. E é nesta simbiose perfeita de podermos exigir mais para servir melhor, que se pode, com legitimidade, exigir de nós o melhor e a certeza de que trabalharemos incessantemente até vermos todo o nosso trabalho certificado” – acrescenta Gabriela Borrego.

Este processo de certificação não se fica pelos equipamentos. “Temos de primeiro pensar nas pessoas. E é a pensar na melhoria das suas condições de trabalho que não hesitaremos um minuto em prepará-las melhor. Ao fim de um ano de trabalho intenso desta administração nunca, como hoje, os SMAS se viram envolvidos em tantos projectos, em tantos seminários, em tantas discussões em Portugal e no estrangeiro. Somos convidados, como case study em Portugal (é de notar que temos um dos menores índices de perdas de água do País, contando, é justo que se diga, com o saber técnico do responsável pelo Gabinete de Perdas, Eduardo Murinello e com a capacidade de gestão do Administrador Rui Lourenço), a intervir em todo o lado onde a água, o saneamento e o ambiente são os ‘light motiv’ da discussão. Agora, que o reconhecimento institucional é já uma realidade, a aposta vai no sentido de que os nosso funcionários e, por consequência directa e necessária, os nossos clientes, sintam este reconhecimento como mérito partilhado com eles” – atalha Gabriela Borrego.

A questão do reconhecimento permite, aliás, “reparar” algumas situações que estiveram, nos últimos anos, permanentemente adiadas.

“É com agrado que vemos que as coisas começam a andar, até do ponto de vista empresarial, com maior celeridade. E, se mais não houvesse para mostrar, hoje podemos

dizer, com orgulho, que resolvemos três dos problemas que se arrastavam ad eternum: a cedência, em moldes a negociar, de uma célula de 25.000 m3 do Reservatório de Alfragide da EPAL, obviando a construção por nós prevista, do Reservatório do Alto dos Barronhos, o que permite salientar as boas relações existentes entre nós e o nosso principal fornecedor – a EPAL – culminado, com o máximo do bom-senso e de boa-fé de ambas as partes, por solucionar, também, um problema de facturação que se arrastava há cerca de 8 anos; a ambicionada construção da nova Central Elevatória da Fonte dos Passarinhos (basta referir que uma avaria grave neste posto implicaria o corte de água a mais de 2/3 da população da Amadora), cujo projecto já se encontra concluído; e a conclusão dos arranjos exteriores do Edifício dos SMAS na Brandoa – com estudo prévio concluído – que, uma vez reabilitado manterá uma posição de grande prestígio no Concelho da Amadora”. Ainda que a administração dos SMAS funcione como um todo coeso e sem distinções, é de louvar, nestes últimos casos, o empenhado envolvimento e supervisão, do Administrador José Evangelista.

Nada será como dantes, parece ser a máxima que norteia a actuação “destes” SMAS. “Elaborámos um Plano Estratégico e vai ser em obediência a esse plano que vamos conseguir levar por diante aquilo a que nos propusemos: servir melhor e com mais qualidade. Seja dentro de portas seja em casa de cada um nesse gesto tão simples mas tão essencial como abrir e fechar a torneira. Sentimos, administradores, dirigentes e colaboradores, que fazemos parte da vida de cada um dos munícipes de Oeiras e Amadora. Agora, é tempo de eles se sentirem a razão de ser da nossa existência enquanto serviço público” – termina Gabriela Borrego.

Números

A população do Concelho de Oeiras ultrapassa os 162 mil habitantes numa área de 45 km² divididos administrativamente em 10 freguesias.

O Concelho da Amadora tem uma área total de 23 km² e é composto por 11 freguesias, sendo a população actual da ordem dos 209 mil habitantes.

A rede dos SMAS atinge cerca de 592 quilómetros em Oeiras e mais de 324 quilómetros na Amadora, ultrapassando os 900 quilómetros – o que equivale a ir do Algarve à Galiza.

A capacidade de armazenamento nos 19 reservatórios existentes nos concelhos de Amadora e Oeiras é de 90 500 metros cúbicos de água potável de qualidade garantida, prontos a servir o público.

Está prevista a ampliação e construção de novos reservatórios que possibilitarão um aumento da capacidade instalada em 26 500 metros cúbicos na Amadora e em 37 000 metros cúbicos em Oeiras.

Caso falhe o abastecimento da EPAL, os SMAS dispõem de reservas de água para os dois concelhos durante dois dias e meio – o suficiente até ao restabelecimento da situação.

Aposta na qualidade

O controlo e a monitorização da qualidade da água são assegurados pelo Laboratório de Análises, acreditado pelo Instituto Português da Qualidade. São realizadas anualmente mais de 2 600 amostras correspondendo a cerca de 39 000 ensaios que avaliam os parâmetros organolépticos, físico-químicos e microbiológicos.

Através de analisadores em contínuo instalados em várias entradas do sistema, o registo é efectuado em tempo real, estando assim implementada uma vigilância por telequalidade.

São realizadas acções de monitorização da qualidade das águas residuais afluentes aos sistemas de Saneamento da Costa do Estoril/Lisboa/Loures, bem como é realizada a prestação de serviços ao exterior.

Controlo de gastos

Os sistemas de tele-medida garantem o acesso a contadores de água e controlam em tempo real gastos e índices de qualidade na rede de abastecimento. ♥







FÁBRICA DE SONHOS

texto de **Carla Rocha**
fotos de **Carlos Santos**

Digna de um conto de Andersen, a Fábrica da Pólvora surge envolta em bruma e nevoeiro, vindos da Ribeira de Barcarena. Depois, ah!, depois, assim que entramos neste espaço sublime, toda a névoa se desvanece e fica apenas a sensação de deslumbre. Total assombroso. Já muito se falou da Fábrica, desde a sua história, a compra por parte de edilidade pela módica quantia de dois milhões de contos e a sua consequente recuperação, mas o que me proponho é a levar-vos a uma viagem pelo espaço, sentando-nos aqui e acolá num banco ou mesmo na relva e descobirmos a Fábrica nos seus cantos e recantos. Afinal, é lá que se escondem as magias e os sonhos. Venha daí.

Estacionar pode nem sempre ser tarefa fácil, mas consegue-se. Descemos em direcção à entrada da Fábrica e logo o amarelo das paredes convidam a entrar, como que num abraço quente que nestes dias de Dezembro sabe tão bem. Por cima da porta da entrada (há duas, mas optei por entrar pela que está do lado esquerdo do fontanário que se encontra à entrada) existe um sino, bem no alto, como que pronto a dar sinal para qualquer eventualidade. Depois, entramos e aí começa verdadeiramente o nosso passeio. Bem à frente encontra-se um relógio de sol enorme, esticado e pronto para nos informar as horas do dia. Aqui podemos rodar o corpo a 360° e ficamos com uma perspectiva do Pátio do Sol, amplo e convidativo. Problema é mesmo decidirmo-nos para onde ir. Se seguirmos em frente temos o edifício 49, antigo espaço de exposições e actualmente cantina da Universidade Atlântica. Antes do edifício 49 existe um espaço de restauração. Do lado direito temos uns bancos e por detrás dos mesmos o jardim dos quatro elementos: ar, água, terra e fogo. As figuras escultóricas assim nos indicam. Tenho especial predilecção pelo ar, que tem a identificar umas estrelas, mesmo apropriadas para esta época festiva que vivemos: e o fogo é representado por uns vulcões, pequerruchos para não meter medo aos mais pequeninos e simpáticos que mais parecem, simplesmente, 'bufar'. Por detrás deste pequeno jardim que vai escorrito ao longo do pátio do sol, temos umas antigas casas de banho minimalistas, com despejo directo para a Ribeira de Barcarena... confesso que de repente parece um simpático recanto... Quando entramos na Fábrica se virarmos



para o nosso lado direito e seguirmos em frente, vamos dar a um pequeno parque de estacionamento com oliveiras. Bom mesmo é continuarmos a virar à direita e subirmos umas escadas que se encontram ao fundo. Muitos ahhhhhhh!! irão advir do nosso interior, pois o lago artificial a banhar o edifício, com janelas por companhia, convidam a que nos sente-





O lago visto da Pousada

mos nas conversadeiras por lá espalhadas. Em frente ao edifício existe uma parede com uma trepadeira que nesta altura do ano possui o tom avermelhado e castanho. Difícil sair deste espaço bucólico. Fica-se ali, enterrados no vale a sentir que o mundo foi viver para um outro lugar.

Depois de uns minutos ao pé do lago vamos novamente para o Pátio do Sol e desta feita seguimos em frente, em direcção ao café que vive ao fundo. Entre o café e o edifício 49 existe um túnel pequeno. Atrevam-se a passá-lo e estamos no Pátio do Enxugo. Provavelmente recolhidos estarão as bancadas do auditório, viradas para a fonte que, dia a pós dia, jorra água e mais água dando ao espaço uma sinfonia que acalma. Também por aqui podemos descansar um



pouco ou simplesmente tomar uma bebida. Os pinos rectangulares que parecem furar o chão como que rompendo com a normalidade do soalho serviram, em tempos, para a secagem da pólvora. Hoje parecem meros bancos, estrategicamente espalhados onde cada um pode sentar-se. Ao lado direito do fontanário existe uma porta. Seguindo o caminho por lá temos do lado esquerdo a sede do Lugar Comum e do lado direito a livraria História Com Bichos. Independentemente da idade que tenha, vai ser muito difícil não entrar. As cores, os bonecos e os efeitos atraem-nos de forma irrecusável. Se tiver filhos, o melhor é deixá-los por lá a ouvirem uma história de encantar e continuar a sua viagem. Por esta altura caminhamos com o intuito de deixar o núcleo central da Fábrica para trás de forma a vermos o Exposição do Povoado Pré-Histórico de Leceia, espaço este onde estão expostos os materiais arqueológicos encontrados nas escavações realizadas no Povoado Pré-Histórico em Leceia. Voltamos um pouco atrás e embrenhamos por uma ponte e vamos em direcção ao lado direito da Ribeira. Aí temos dois edifícios que funcionam com exposições sonoras (não gostava de saber que sons faziam as máquinas quando trabalhavam a 100%?) e antes deles existe um parque infantil. Claro que pode levar um farnel e estender-se na relva apelativa a olhar o céu, o utilizar as mesas e cadeiras que existem perto do parque infantil, no entanto, ainda muito há para ver antes de um merecido descanso. Passamos o parque das merendas e o edifício semi-recuperado e vemos o edifício 51. Hoje é neste espaço que se realizam exposições.

Voltamos a passar a ponte sobre a Ribeira e desta feita com entrada directa no Pátio do Sol e vamos em direcção ao Museu da Pólvora Negra mesmo à entrada.



O Museu é para ser visto com calma e sentido. Perceber como se fabricava a Pólvora, a roupa que os operários usavam, os materiais bem como uma maquete da Fábrica estão presentes para o público observar. Saindo do Museu, temos mesmo em frente, um pouco no alto, um relógio de sol pequeno e tão discreto que facilmente passa despercebido. Do lado esquerdo temos uma escadaria, mas aí temos de apelar à nossa imaginação, pois não é permitida a entrada ao público na Pousada, no entanto, no fim desta visita, deixo-vos uma imagem reveladora da visão que poderemos ter de dentro para fora.

O tempo escasseia e o sol vai embora, e ainda muito ficou para ver e falar. Tem de ficar para uma próxima vez. Pode sempre pedir no posto de turismo um mapa informativo e seguir as indicações que

existem espalhadas pelo espaço.

Não esquecer que apenas a Fábrica de Baixo está recuperada de forma a criar um espaço aglutinador de cultura, lazer e ensino. A Fábrica de Cima ainda está por recuperar, mas facilmente percebemos que no dia em que isso acontecer, a Fábrica da Pólvora de Barcarena finca ainda mais o pé no panorama português.

Até lá, não tem desculpas para ainda não conhecer este único e belo espaço.

AH! E de saída não pense muito nas pessoas que morreram nas explosões, afinal, este pode ser um sítio explosivo e mortífero, mas isso, bem, isso foi em tempos longínquos... hoje só há lugar para o sonho. Uma verdadeira Fábrica de Sonhos! ❤️



Rodrigo Guedes de Carvalho DE ALMA INQUIETA

entrevista de **Guiomar Belo Marques**
fotos de **Carmo Montanha**

Tivesse ele a compreensão do desconhecido e não seria ele um Homem. Não importa se gostamos ou não da sua escrita literária. É a sua. De poética bem conjugada com uma ritmada fluência narrativa, num descritivo foneticamente escolhido, num reflexivo entendimento próprio e íntimo da vida. Talvez porque desse modo se faz a descoberta da própria identidade textual, aquela mesma que se atravessa nas palavras vividas e com sentido autoral. Essas tais que maneja como jornalista, espartilhado, e das quais usa e abusa nas ficções que congemina, sem outras necessidades para além da sua própria, aliada à vontade de espelhar aflições e delas nos fazer cativos. Pode gostar-se, ou não, da sua estranha forma de escrever. Mas ler, não importa o quê, só faz sentido se acrescentar. E há frases, reflexões, que em Rodrigo Guedes de Carvalho nos deixam a pensar. Independentemente da métrica, da forma ou da pontuação. E por muito que seja pouca, caso não muita, a paragem reflectiva, ou que esse seu modo não seja o por nós mais esperado e/ou desejado, a verdade dele persiste-nos na dúvida.



Afirmou que há pessoas que não lêem os seus livros por serem seus. O que é que isso significa?

Que há pessoas que têm um preconceito cultural.

Continuo sem perceber...

Que algumas pessoas não lêem os meus livros por essa razão e sei que é assim, nalguns casos por observação directa e noutros porque acabam por me confessar que não leram por essa razão.

Mas preconceito porquê?

Porque acham que é aquele tipo da televisão e, portanto, não há-de escrever tão bem quanto isso. Mas também há pessoas que compram os meus livros por eu ser da televisão, embora aconteça mais o contrário.

Como lhe nascem os livros? Arquitecta e depois constrói, ou vão nascendo conforme vão crescendo?

Nunca nascem da mesma maneira. No caso da *Casa Quieta* tinha o livro estruturado, mas no *Mulher em branco* fiz-me ao mar.

Foi-se alimentando a si mesmo?

Sim, é isso, foi crescendo e foi feito com a vista curta. O *Casa Quieta* foi mais elaborado.

Relê muito para trás, ou escreve a eito, sem paragens, até concluir?

Não releio. A minha preocupação é terminar. Depois passo muito tempo a corrigir, mas antes preciso de ter aquilo que já é o livro.

Emenda muito?

Em geral as correcções são para tirar coisas, tentar depurar, procurar caminhos mais eficientes e rápidos para as coisas.

Pode dizer-se que a sua escrita tem uma forte componente poética. Escreve poemas?

Não.

Mas preocupa-se com o som das palavras, com a fonética do sentido?

Para mim as palavras são uma questão de som e também de paladar e melodia. A ideia da melodia, estando ligada à música, também o está ao olhar. A literatura é esse trabalho com a palavra. Por isso, deploro alguns escritores que dizem que a palavra não interessa nada. Isso, para mim, não é assim. A literatura, para mim, joga-se no campo da palavra.

Costuma mostrar o que escreve a alguém antes de seguir para a editora?

Não. Quando termino mostro à minha mulher e à minha editora.

E se fizerem sugestões para alterar coisas, aceita? É humilde com o seu texto?

Humilde sou, mas a questão não é tanto do “faz assim” ou “faz assado”. Eu raramente altero. Não me

lembro de ter mudado explicitamente alguma coisa por causa de uma opinião.

Mas não troca impressões com a sua mulher enquanto está a escrever?

Não, nunca.

E sobre o seu trabalho como jornalista?

Como jornalista sim, é mais fácil falar, toda a gente sabe o que estou a fazer, mas não falamos muito de trabalho fora da SIC.

Portanto, não fala dos seus livros antes de estarem prontos.

Não, não falo. Posso dizer que vou mais por aqui, ou mais por ali, mas não faço muitos comentários para estar liberto de influências. Além disso, acho muito importante a primeira reacção deles à primeira leitura, como sendo leitores de laboratório, com surpresa.

Já disse, em outras entrevistas, que chegou à escrita pelo gosto em ler.

Necessariamente. Um escritor chegará sempre à escrita porque foi inicialmente um leitor!

Quem o ensinou a ler e escrever? Recorda?

Vagamente...

Fez a sua instrução primária no Porto?

Não toda, porque fiz a 3ª Classe em África. Fiz a 1ª, a 2ª e a 4ª no Porto, sim.

Foi para África por causa do seu pai? Foi cumprir o Serviço Militar?

Sim, era Médico Miliciano.

Onde?

Em Angola, Sá da Bandeira. A minha mãe foi com ele e nós fomos também, eu e os meus irmãos.

Tem memórias desse tempo?

Lembro-mo de algumas coisas... uns filmes de telemóvel...

Já lá voltou?

Não, nunca. Não sou muito de regressar.

A nostalgia da memória complica regressos?

Tenho um pouco de medo.

Para não quebrar encantos guardados?

De certo modo, sim. Em miúdo fazia férias numa praia perto de Esposende, em Ofir, e essa praia era uma grande referência para mim, mas não tenho uma vontade voluntária de lá voltar.

Não se volta aonde se gostou de estar por medo da desilusão?

Sim, mas não é dramático. Se um dia, por acaso, lá passar por perto, sou capaz de visitar. Mas sem dramas. Não tenho é esse movimento voluntário de lá voltar.

Entretanto, deixou o Porto e veio para Lisboa. Para fazer o curso?

Foi ele que me desafiou e eu fiz uma coisa em que sempre acreditei: é preciso escrever de raiz para teatro e para cinema, que é uma coisa que o cinema português ainda não percebeu muito bem. Quando escrevo, penso que aquele texto irá ser dito por actores portugueses, que será visto com imagens nossas. Portanto, sou obrigado a ter linguagens necessariamente diferentes segundo o objectivo da minha escrita.

Mas escrever argumentos dá-lhe prazer?

Dá, mas chega uma altura em que é muito angustiante porque enquanto um romance depende apenas de mim, o argumento depende de subsídios e de apoios. Dos seis argumentos que já escrevi, só dois passaram ao cinema e foram vistos pelas pessoas. E isso é um bocadinho enervante, mas é assim que temos de viver. Eu gosto de escrever para cinema, mas às vezes não sei se alguém irá ver o fruto do meu trabalho e isso é muito angustiante.

Não lhe é desagradável estar sempre a ser comparado com um escritor que há quem adore e quem deteste como o Lobo Antunes?

Eu cometi um erro que não se pode cometer e que foi o de ter dito, logo nas primeiras entrevistas que dei, que gostava de Lobo Antunes. A partir daí, passaram a fazer comparações e a dizer que eu o imito, o que é muito injusto. Quem ler com atenção a *Mulher em branco* ou *A casa quieta* descobrirá muitas coisas que não têm nada a ver com o Lobo Antunes. Cometi esse erro de falar dele e a partir daí colou.

O facto de o seu pai ser médico originou que tivesse tido uma relação estreita com a doença e os hospitais?

O meu pai é médico no IPO do Porto, mas eu não convivi muito com essa realidade. Portanto, não me afectou particularmente.

Mas é uma pessoa a quem a morte preocupa. Ou não?

A mim a morte interessa-me como uma coisa muito natural. Os grandes temas dos grandes romances são o amor e a morte, que me fascina pela omnipresença quando já nos roçou. Sempre tive uma consciência muito grande de que a morte é como quem acorda. É como se todos os problemas que na véspera eram importantes desaparecessem perante aquela enormidade. Por isso, a incomunicabilidade também é muito importante porque quando vier a morte termina a possibilidade de resolução, acaba de facto.

Pratica essa consciência no seu quotidiano?

Sou totalmente a favor de uma ética emocional. Não faria sentido escrever sobre a questão da incomunicabilidade e depois, na minha vida, ser incoerente



relativamente a isso. Não escrevi os meus livros com essa intenção, mas a verdade é que eles me tornaram uma pessoa melhor, mais tolerante.

Acredita em Deus?

Não. Acredito que eventualmente às portas da morte vou acreditar em Deus.

Portanto, tem medo da morte e Deus pode fazer companhia.

Tenho um grande medo da morte. Aliás, por isso mesmo é que não tenho religião, que sempre se fundamenta no medo. Mas tenho pena de não acreditar num qualquer braço que se estenda. Eu acredito numa coisa que, não sendo a reencarnação, é um estado de consciência de si, que deve haver um contínuo com uma outra coisa que permanece. Ou então, simplesmente creditar na morte como um antes de nascer. O que me assusta na morte é o sofrimento. Quando era miúdo costumava dizer que não queria morrer porque ia sufocar. Se eu pudesse ter a certeza de que a morte era mesmo um fim total, não teria medo. Mas... e a consciência? ♥



Oeiras

Primeiro pólo tecnológico do país, investe na investigação científica

texto de **Raquel Viana**

fotos de **Carlos Santos**

Nos últimos anos, Oeiras tem investido na criação de um novo perfil social e económico para o concelho. Para tal, em 1994, a Câmara Municipal de Oeiras, rumo ao desenvolvimento, aprovou o Plano Director Municipal (que será revisto durante o ano de 2007), através do qual foram delineadas estratégias capazes de encarar os desafios do futuro. Hoje, Oeiras pode orgulhar-se de ter saído da sombra metropolitana e de ser considerado o primeiro pólo tecnológico do país.

Este Município é actualmente uma referência, nacional e internacional, no que concerne à captação de investimento tanto a nível do tecido empresarial como na criação local de equipamentos em diversas áreas, nomeadamente de investigação científica. De facto, Oeiras conta com a existência de vários parques empresariais e tecnológicos, onde a área da investigação tem ganho terreno.

É certo que a captação de investimento e a criação de infraestruturas é essencial tanto à manutenção como à evolução deste estatuto de modernidade, mas a aposta vai mais além, sendo o capital humano alvo de grande empenhamento. As pessoas estão no centro dos processos de desenvolvimento e estes só podem dar frutos porque existem profissionais capazes, nomeadamente ao nível da investigação científica.

Assim, atenta à relevância nacional e internacional da investigação científica conduzida no concelho de Oeiras, que muito tem contribuído para o prestígio e imagem de dinamismo e modernidade do Município, a Câmara Municipal decidiu alargar o projecto de atri-



buição de Bolsas de Excelência Científicas de Oeiras - Professor Doutor António Xavier, de modo a captar e atrair profissionais qualificados, tanto nacionais como estrangeiros. Esta iniciativa representa uma inovação significativa no panorama nacional, contribuindo para o reforço da imagem de modernidade e liderança da autarquia no nosso país.

Deste modo, além da Bolsa Científica, dirigida a cientistas visitantes de grande prestígio internacional, foi criada a Bolsa de Instalação para Jovens Cientistas – “Começar em Oeiras”, destinada a investigadores principais que pretendam instalar-se e criar um novo grupo de trabalho em instituições de investigação científica sediadas no concelho.

A relevância que a investigação biomédica – área de grande relevância no âmbito da investigação científica realizada neste concelho – tem assumido nas sociedades modernas dos países desenvolvidos foi um dos factores impulsionadores da criação desta acção municipal para o incentivo ao desenvolvimento da Investigação Científica.

A designação deste programa com o nome do Professor Doutor António Xavier, recentemente falecido, é uma forma de homenagear o cientista e o grande promotor do desenvolvimento da Investigação Científica em Portugal. A fundação do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB) em Oeiras que, juntamente com o Instituto Gulbenkian de Ciência, constituiu um dos primeiros quatro laboratórios associados do país deve-se à sua iniciativa e empenho.

Bolsa de excelência científica

A Bolsa de Excelência Científica, cuja segunda edição decorre este ano, destina-se a apoiar a estadia de investigadores-visitantes (nacionais ou estrangeiros) em instituições de investigação científica situadas no concelho de Oeiras, por períodos de três a 12 meses. Estes bolseiros deverão ter um percurso profissional de excepcional relevância e grande prestígio internacional.

Com o valor de 36 mil euros por ano, esta Bolsa, financiada na sua totalidade pela autarquia, será atribuída ao melhor candidato proposto pelas diversas institui-

ções de investigação científica sediadas no concelho, entre as quais se destacam o IGC (Instituto Gulbenkian de Ciência), IBET (Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica), o ITQB (Instituto de Tecnologia Química e Biológica), a EAN (Estação Agronómica Nacional), a EFN (Estação Florestal Nacional), ISQ (Instituto de Soldadura e Qualidade), Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro (CIFC), entre outras. Em casos excepcionais, este subsídio poderá ser fraccionado entre uma a quatro bolsas, após acordo das instituições proponentes.

Bolsa de instalação

A Bolsa de Instalação para Jovens Cientistas – “Começar em Oeiras”, que terá início em 2007, destina-se a apoiar jovens cientistas, com menos de 40 anos, nacionais ou estrangeiros com formação universitária em Portugal, que pretendam instalar-se e criar um novo grupo de investigação numa das instituições de investigação científica situadas no concelho de Oeiras.

Esta Bolsa tem o valor de trinta mil euros, partilhado em partes iguais pela autarquia e pela instituição onde o candidato seleccionado se instale.

Este montante poderá ser utilizado para a aquisição de equipamento científico, de reagentes de laboratório, para o recrutamento temporário de técnicos ou estudantes, bem como para a participação em conferências internacionais.

Os potenciais candidatos deverão contactar uma das instituições de investigação científica sediadas no Concelho e apresentar o seu projecto. Todas as



candidaturas devem ser apresentadas à autarquia com um enquadramento da instituição que vai receber o proponente.

A Câmara Municipal de Oeiras atribuirá, anualmente, uma a duas bolsas, dependendo da avaliação efectuada pela comissão científica.

Mais informações em: www.cm-oeiras.pt

Contactos

Câmara Municipal de Oeiras
Largo Marquês de Pombal
2784-501 Oeiras

Ana Runkel
Tel.: 214 408 383 Fax.: 214 460 537
E-Mail: ana.runkel@cm-oeiras.pt

Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro
Maria do Céu Silva
Tel.: 214 544 680/4 Fax: 214 544 689
E-Mail: mceusilva@hotmail.com

Leonor Guerra-Guimarães
Tel.: 214 544 680/3 Fax: 214 544 689
E-Mail: leonorgui@iol.pt

ITQB
Instituto de Tecnologia Química e Biológica
Maria Lurdes Conceição
Tel.: 214 469 317 Fax: 214 469 314
E-mail: mlurdes@itqb.unl.pt

IBET
Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica
Aptd. 12
2781-901 Oeiras

Luís Paulo N. Rebelo, Dr. Sci.
(Director)
Tel.: 214 469 441/341 Fax: 214 421 161
E-mail: luis.rebelo@itqb.unl.pt

IGC
Instituto Gulbenkian de Ciência
Sheila Vidal, doutorada
(Administração de Ciência)
E-mail: svidal@igc.gulbenkian.pt ♥



Universidade Sénior de Oeiras

Um passo à frente

texto de **Raquel Viana**

fotos de **Carmo Montanha**

“Amizade” foi a palavra mais vezes proferida por todos os que contactámos durante a nossa visita à Universidade Sénior de Oeiras. Ali, cerca de 500 alunos e professores convivem, dando azos ao raciocínio e à criatividade. São um grupo, coeso, do qual fazem parte indivíduos que não se deixaram ensombrar pela mudança que o avanço na idade provoca. Na Universidade Sénior diz-se não à solidão, diz-se não ao parar no tempo.

Neste Ano Lectivo 2006/2007, a Universidade Sénior de Oeiras abriu as suas portas com maiores e melhores instalações para acolher condignamente os seus alunos e professores. O edifício onde esta instituição está sediada foi reabilitado pela Câmara Municipal, através do Gabinete do Centro Histórico de Oeiras do Departamento de Projectos Especiais, que o dotou de melhores condições tanto no que concerne ao espaço como ao estado de conservação.

O projecto de reabilitação do edifício, que orçou em 165 mil euros, incluiu a recuperação dos elementos construtivos que se encontravam degradados, bem como a adaptação da habitação do 1º andar – recentemente adquirida pela autarquia - às novas valências. Paralelamente, o projecto contemplou a ampliação da área útil do imóvel através da utilização do espaço sob a cobertura.

Deste modo, a Câmara Municipal de Oeiras, consciente da importância social e cultural que a Universidade Sénior representa, promoveu as acções necessárias para dotar as suas instalações, de propriedade camarária, de melhores condições para a actividade lectiva.

História da Arte, Fotografia, Prevenção em Saúde, Internet, Línguas e Pintura são algumas das cerca de cem disciplinas ministradas nesta Universidade.

Cada aluno inscrito pode optar pelas cinco disciplinas – três teóricas e duas práticas – que mais lhe agradem. Além do mais, poderá frequentar clubes tais como Canto Coral, Xadrez e Ginástica, entre outros. Esta instituição é frequentada por mais de quatro centenas de alunos, a grande maioria dos quais são mulheres (81%).

Foi notório o entusiasmo das pessoas com quem nos cruzámos nesta Universidade, que tem a presidi-la





Maria Emília Mesquita, uma professora de História recentemente aposentada, que nos recebeu no seu gabinete de trabalho e fez questão de levar-nos numa visita guiada por todo o edifício.

De raiz minhota, o que lhe confere uma inata simpatia e um modo extrovertido de comunicar, Maria Emília disse-nos que todos os que frequentam aquela Universidade estão ali para “conviver, actualizar-se e trocar conhecimentos, memórias de vida... além de quebrar a solidão”. Na Universidade Sénior desde 1995, Maria Emília veio a convite de uma colega, a professora Maria José Rodrigues. Ali começou como professora das disciplinas de História, Origens da Europa e Momentos de Crise e de Ruptura na História de Portugal. Há seis anos, a convite da fundadora desta Instituição (Maria Clementina Maia), concorreu com uma lista à presidência da Direcção

e venceu as eleições. Refira-se que este corpo social funciona de um modo global e todos os que ali trabalham partilham funções, “acudindo às mesmas tarefas, sempre que necessário”, contou-nos orgulhosamente.

Os 83 professores que leccionam nesta Universidade são voluntários, sendo que a grande maioria tem o grau de licenciatura, mestrado ou doutoramento (64%), outros 19% têm curso médio e os restantes 17% o curso liceal. Alguns docentes foram contactados pela Direcção, outros vieram ao seu encontro. “A divulgação gera procura”, disse Maria Emília acrescentando que “ultimamente tem havido alguma divulgação da nossa existência nos meios de comunicação social, o que tem aumentado a procura. Por exemplo, recentemente fomos contactados por uma Eng.^a do Ambiente e Território que se ofereceu



para criar um curso na área do Ambiente e Urbanismo. Em breve vamos começá-lo”.

Os cursos ali ministrados não têm qualquer espécie de paralelismo pedagógico nem validação de competências. Não há testes nem certificados. “Quem cá anda fá-lo por gosto”, disse-nos a presidente da Direcção. E é assim desde a sua criação, em 1994.

De facto, quem visita esta instituição sente o entusiasmo por onde passa. Tivemos oportunidade de falar com alguns alunos e professores, entre os quais Óscar Machado, que ali lecciona Antropologia Social e Cultural há dez anos, desde que se aposentou. Inscritos no seu curso tem 24 alunos, com quem criou ao longo do tempo “laços de amizade”, contou-nos. O que pede aos seus alunos é que “tenham paciência para me aturar”, disse-nos em tom de graça.

Rui Pinhão, médico de profissão ao longo de quase 40 anos, tendo leccionado no Instituto de Medicina Tropical, disse-nos que é aluno desta Universidade “para conviver, passar o tempo e aprender coisas diferentes, para mim desconhecidas por falta de tempo”. Neste momento está a frequentar aulas de Antropologia, História do Homem, Pensamento Contemporâneo e História da Europa, o que lhe ocupa dois dias por semana. A sua mulher, tal como ele com formação em medicina, também frequenta esta instituição como aluna.

Reformada de uma profissão bem distinta, Deolinda Frazão, com quem conversámos, foi Estilista em Montreal, no Canadá, onde teve a oportunidade de desenhar moda para os maiores costureiros daquele país, no qual residiu durante 46 anos. A sua vinda para a Universidade Sénior, onde lecciona e é aluna, deveu-se ao facto de estar “farta de ficar sozinha em casa e dos trabalhos domésticos”, contou-nos. Na sua opinião, “quem está reformado não tem de ficar em casa a ver televisão, tem de ser activo. Aqui sinto-me útil, pois tenho oportunidade de ensinar aos outros os meus conhecimentos, de aprender e de fazer amizades”.

Alguns dos trabalhos resultantes do que os alunos aprendem nos seus cursos está à vista de quem passa pelos corredores desta Universidade, onde estão expostas pinturas e fotografias. Brevemente, também poderão ser apreciados outros tipos de labores tais como joalharia, estanho, bordados e cerâmicas, cuja exibição está pendente da aquisição de um expositor.

À Universidade Sénior podem candidatar-se a alunos pessoas com a idade mínima de 45 anos, independentemente do seu grau de escolaridade. A ins-



crição, realizada durante o mês de Setembro, tem o custo anual de 115 euros. No entanto, todos os anos são atribuídas quatro bolsas de estudo.

É do pagamento das propinas e do apoio financeiro prestado pela Câmara Municipal de Oeiras e pela Junta de Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra que esta instituição sobrevive.

Ao longo do tempo, foram conseguindo adquirir material adequado aos vários cursos, de que é ponto de referência um laboratório de fotografia a preto e branco, orgulho de quem o utiliza.

O convívio entre a população escolar não se confina ao edifício da Universidade. Além de muitos se encontrarem no seu dia-a-dia, têm sido realizadas várias viagens de estudo tanto no país como no estrangeiro. Anualmente seleccionam e visitam uma capital europeia. Os custos das viagens ficam a cargo de cada um, sendo que as agências de viagens têm feito preços especiais.

Terminámos a nossa visita convictos de que a Universidade Sénior é um bom incentivo à qualidade de vida de todos aqueles que querem manter-se activos, participativos, actualizados nos saberes e conscientes do que se passa à sua volta. Aqui quebra-se a cadeia da solidão, da inércia, da rejeição e do isolamento. Aqui valoriza-se o cidadão no seu novo papel social. ♥

José Almeida Bastos,
director-geral da Merck Sharp & Dohme em Portugal
“DEVEMOS TER UM SENTIDO ÉTICO MAIS EXIGENTE”

texto de Sónia Correia
fotos de Carlos Santos

Empenhada em desempenhar aquele a que, na empresa, chamam de “papel de bom cidadão”, a Merck Sharp & Dohme é uma das multinacionais sediadas no concelho que se tornou parceira da Câmara Municipal no projecto Oeiras Solidária.

Marcando presença em todo o Mundo, a Merck Sharp & Dohme é uma empresa que se dedica à investigação médica e científica, logo, à descoberta de novos medicamentos que resolvam ou possam contribuir para resolver problemas médicos.

“A companhia tem um longo historial, de mais de cem anos, ao longo dos quais foram descobertos muitos medicamentos e muitas vacinas. O nosso objectivo foi, é e continuará a ser, encontrar soluções para problemas de saúde”, explica José Almeida Bastos, director-geral da empresa em Portugal.

Uma das características da Merck Sharp & Dohme diz respeito à relevância concedida à investigação. **“Investigamos, desenvolvemos e comercializamos os nossos próprios produtos, sejam eles medicamentos, para tratar determinada doença, sejam vacinas, que ajudem a evitar a doença”.**

Para dar uma ideia da dimensão do investimento feito pela empresa em investigação, José Almeida Bastos dá conta de que a Merck Sharp & Dohme investe, anualmente, cerca de quatro mil milhões de dólares nessa área. **“Isto é muito”,** acrescenta.

Em Portugal, a empresa aposta sobretudo na comercialização de produtos, dispondo de um departamento de investigação “relativamente pequeno” que, apesar de tudo, se dedica à investigação clínica, mas a uma escala muito reduzida.

Actualmente com cerca de 400 colaboradores, a Merck Sharp & Dohme está instalada em Portugal desde 1970.

“Estivemos em Lisboa, depois construímos uma fábrica e mudámo-nos para Queluz, onde estivemos durante vários anos, e desde há sete anos que estamos na Quinta da Fonte”, relata Almeida Bastos.

Para a escolha da localização concorreram diversos factores, com destaque para a fácil acessibilidade, a proximidade relativamente a Queluz – de onde tinham vindo – e o facto de o parque albergar outras companhias internacionais.

“Atraiu-nos a qualidade do empreendimento. Comprámos o terreno, fez-se o edifício e estamos satisfeitos”.

A cooperação com a Autarquia no domínio da responsabilidade social surgiu mais tarde, no âmbito do projecto do qual a Merck Sharp & Dohme é parceira, o Oeiras Solidária.

“Julgo que as companhias de indústria farmacêutica devem ter, até pela sua natureza, um sentido ético mais exigente do que companhias que actuam noutros sectores. Temos algumas preocupações que outras empresas também demonstram, mas devemos ser mais exigentes, nomeadamente no que respeita às questões relacionadas com o acesso aos cuidados de saúde”, defende José Almeida Bastos.

A responsabilidade social está intrinsecamente ligada aos valores da empresa, não apenas em Portugal, naturalmente, mas em todo o Mundo, desde há muitos anos.

“O nosso primeiro programa de responsabilidade social remonta a 1959 e tem a ver com a descoberta de um medicamento que se provou ser eficaz no tratamento de uma doença com grande prevalência em África, chamada cegueira dos rios, provocada por um parasita que induz lesões no globo ocular e acaba por conduzir à cegueira”, explica Almeida Bastos.

A companhia optou, desde a descoberta do medicamento, pela sua não comercialização.

“O medicamento foi doado à Organização Mundial de Saúde e ainda hoje é a Merck Sharp & Dohme que o produz e distribui, gratuitamente”.

Desde 1959 e até hoje a Merck Sharp & Dohme prestou auxílio a milhões de pessoas, no âmbito de uma política de responsabilidade social muito centrada na investigação na área do HIV/SIDA.

A empresa tem desenvolvido, neste domínio, projectos de acesso à terapêutica, em África, na América Latina e em alguns países asiáticos.

No continente africano, em particular, a empresa desenvolve um projecto, no Botswana, em parceria com a Fundação Bill Gates.



De acordo com José Almeida Bastos, “este é um país pequeno mas que tem uma taxa de infecção altíssima e cujo Governo está, de facto, comprometido com a resolução do problema. Isso é muito importante”.

“Este projecto tem tido um enorme êxito. Actualmente, 45 mil doentes no Botswana têm acesso gratuito à terapêutica para a SIDA”.

Paralelamente, a empresa desenvolve um programa idêntico na Roménia, mas ao nível da pediatria, em articulação com o governo romeno.

Em Portugal, e mais especificamente no concelho de Oeiras, a Merck Sharp & Dohme é uma das parceiras do Oeiras Solidária.

“Em articulação com a Câmara, promovemos regularmente acções de rastreio, em diversas áreas, como a cardiologia, a hipertensão, a diabetes e o colesterol. E também prestamos apoio a duas instituições de solidariedade social no concelho, uma delas trabalha com crianças e a outra com idosos”.

“Acreditamos que vamos ser cada vez mais activos nesta área porque faz parte do espírito da companhia desempenhar o que chamamos de papel de bom cidadão – participar, ajudando a mitigar situações de precariedade social”.





MERCK SHARP & DOHME

O director-geral da Merck Sharp & Dohme defende as parcerias público-privadas no domínio da responsabilidade social e acredita que o empenho das autoridades é meio caminho andado para a resolução dos problemas.

“Ao contrário do que as pessoas possam pensar, o problema nunca é dinheiro. O dinheiro arranja-se. A maior dificuldade reside na realização dos projectos. Se houver dinheiro e não existir vontade para resolver os problemas, eles nunca vão ser resolvidos”, garante.

O responsável pela Merck Sharp & Dohme em Portugal acredita que o papel desempenhado pelos privados é importante, mas o empenho das entidades públicas, como o Governo ou as câmaras municipais, é determinante.

“Sinto que existe, por parte da Câmara de Oeiras, vontade e empenho para encontrar soluções no domínio das problemáticas sociais. E acredito que, dado o número de empresas internacionais instaladas no concelho, vale a pena aproveitar o know-how dessas empresas, e da sociedade civil em geral, para ajudar a resolver os problemas que ainda existem”.

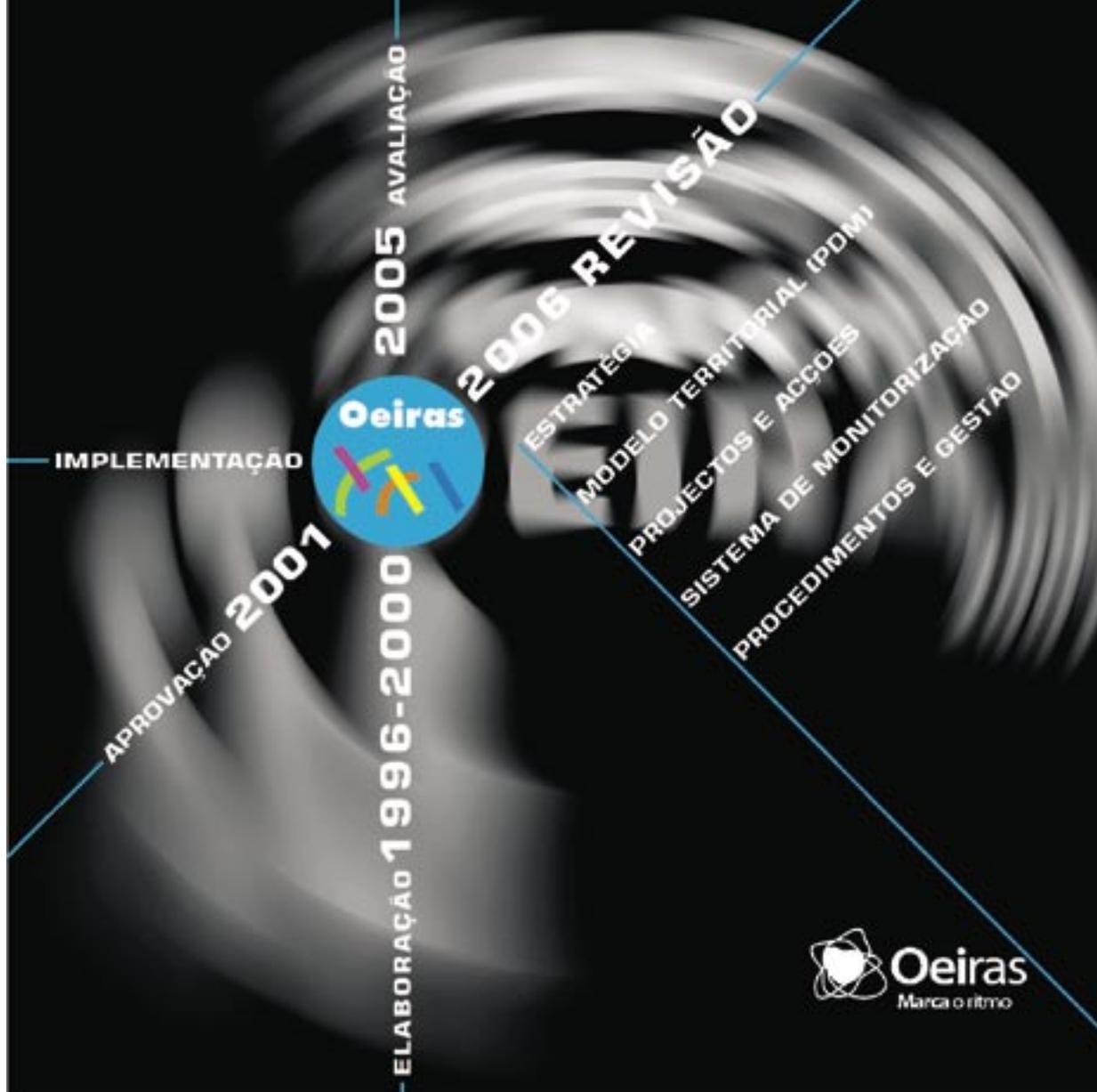


Quadro com pinturas das mãos dos voluntariados da empresa

De acordo com José Almeida Bastos, **“felizmente para nós, para a Europa e para Portugal, os nossos problemas não são exactamente os mesmos que se verificam nos países africanos. Mas existem outros aos quais é, de certa forma, mais fácil acudir. Desde que nos organizemos e que sejamos capazes de definir os objectivos que queremos alcançar”.** ❤️



AGENDA 21 LOCAL DE OEIRAS OEIRAS APOSTA NO FUTURO !



LEÕES DE PORTO SA

O SACRILÉGIO DA COR

texto de Arq. Tomás Taveira
fotos de Carlos Santos e enviadas
pelo atelier do Arq. Tomás Taveira

Já várias vezes temos chamado a atenção, para um facto indesmentível e que tem enormes repercussões no panorama arquitectónico português e não só.

Este facto diz respeito ao total seguidismo do Modernismo Internacional, que é levado a cabo pela quase totalidade dos arquitectos portugueses, e o facto de dois ou três terem mantido em relação a esse movimento uma certa distância.



Pode dizer-se que o Movimento Moderno trouxe consigo algumas categorias filosóficas, que irão perdurar, até que, os materiais e as técnicas construtivas se alterem de tal modo que nós venhamos a entrar num universo novo, hoje é ainda um pouco de “ficção”, ou melhor de investigação.

Uma dessas características foi precisamente um certo despojamento de elementos “decorativos apostos”, normais no século XIX e que seriam incompatíveis em termos de custo no momento em que as cidades se multiplicavam e as populações explodiam em número devido à da Revolução Industrial.

O Movimento Moderno é acima de tudo resultado de um movimento social, dos proudonianos, dos utopistas, dos socialistas em geral, que revolucionaram o mundo das ideias sociais cujo culminar foi a Comuna de Paris. A multiplicação das casas de habitação, necessária para acomodar mesmo que mal, as populações, não se compadecia com ornamentos, (Loos afirma: “o ornamento é um crime...”), antes pelo contrário teria que ser o mais simples possível de tal modo que fez nascer os primeiros especuladores urbanos, os “JERRY BUILDERS”, que construíram verdadeiras “casernas” onde se “acumulavam” as famílias.

O “Minimalismo”, ou “Reduccionismo” foi assim a primeira característica do movimento moderno, o qual nasceu sem preocupações artísticas, sem conteúdo estético, mas com um enorme desejo de lucro.

Hoje o minimalismo Modernista continua a dar frutos a permitir que a imaginação arquitectónica de alguns nos continue a espantar, mas não esgota o esforço criativo do mundo da arquitectura.

O que nos intriga, (ou talvez não), é a permanência desta atitude, no mundo arquitectónico português de tal modo que quem não a cultiva é banido e marginalizado.

É até inacreditável que as revistas de arquitectura portuguesas, e os jornais que lhe têm dado atenção se mantenham fiéis a este “ESTILO” e não promovam outras ideias e outras estéticas, outros territórios da imaginação.

Verifica-se que há uma subordinação das directorias a meia dúzia de pessoas que constituem neste momento os “Gauleiters” da nossa cultura arquitectóni-

ca, e, isso não é bom, nem para os jornais, nem para o mundo português em geral.

O Minimalismo Modernista tem agido, contra outras estéticas “outras arquitecturas”, de modo totalmente eugenista.

Em arte, quando alguém está convencido de algo, tem tendência a exagerar e a tentar impor as suas ideias de qualquer modo...

A cor é um dos problemas que os minimalistas portugueses e defensores do purismo, ainda que sem argumentos, mais têm atacado. Assim é precisamente pela cor que os minimalistas portugueses podem ser agora postos em confronto com exemplos, que não me parece poderem contestar.

De facto hoje a arquitectura, mesmo reconhecida, mais dependente de novas ideias, a ser mais aberta a novas soluções as quais passam muitas vezes pelo uso da cor.

Quando nós “pintámos” as Amoreiras no fim dos anos 80 do século passado, fomos altamente atacados e quando pintámos a “Malha J” de Chelas, então tivemos mesmo a honra da visita de um Presidente de Câmara, que travou a regeneração pictórica ...

Será a cor algo que deve ser banido da arquitectura? Será a cor e o seu uso uma nota de incapacidade por parte dos arquitectos? Será a cor algo de inferior?

Para suportar a nossa ideia podemos mostrar alguns exemplos colhidos ao acaso de obras dos grupos de Arquitectos SAUERBRUCH e HUTTON, (Matias Sauerbruch, Louisa Huton, Jean Lucas Young e Jens Ludloff), que mesmo fazendo uma “arquitectura simples” monolítica e minimal, recorrem à cor sem complexos, para enfatizar o sistema icónico da sua poética.

Um dos edifícios é uma Fábrica experimental em Magdeburgo (1998/2001); outra obra muito importante é o edifício de Investigação Farmacológica de Biberach; Museu de Arte Contemporânea + Centro de Imagem

em Movimento (Sidney, Austrália), Centro de Inovação e Desenvolvimento para SEDUS (Dogern, Alemanha). Estes exemplos são altamente eloquentes relativamente ao uso da cor, e nos casos vertentes ninguém poderá dizer que são arquitectos menores com capacidades enfeitadas e de gosto duvidoso.

É natural que não haja uma consciência crítica em Portugal capaz de abordar a cor e o ornamento, e o seu uso na arquitectura actual dado que não se nota no diálogo mitigado da cultura.

É óbvio, que eu considero, que “decorar” um edifício com cor, com cerâmica, ou qualquer outro material é um acto legítimo de artista, embora alguns ainda acreditem na máxima altamente estafada mas útil de Adolf Loos “o ornamento é um crime” já atrás referida... Já por várias vezes a justificámos enquadrando-a no seu próprio contexto histórico, mas esse contexto mudou e o ORNAMENTO VOLTA a ter razão de ser.

Mesmo um grande guru do Minimalismo e da “Minimal Art” como Daniel Liebeskind quer revestir as superfícies da extensão do “Victoria and Albert Museum” com cerâmica.

Quer isto dizer que foi por isso que nós revestimos o nosso Centro Cultural do Barrô com cerâmica? Nada disso, o nosso objectivo é muito anterior àquele, mas o que conta para nós é que há algo no ar que pode constituir uma brecha na rigidez do legado do Movimento Moderno!

Hoje existem mesmo obras, que usam a cor até como “marketing” das funções a que se destina o edifício e,

que pela sua natureza irá ao encontro daquilo que nós pensamos ser um dos caminhos possíveis da Arquitectura e que será um encontro entre pelo menos três artes: A Pintura, a Escultura e a Arquitectura.

Deste encontro tem nascido, com lentidão, uma nova arquitectura que reclamando-se de algumas das construções base do movimento pós moderno, no entanto aproxima-se de algo que poderá ser considerado uma estética híbrida, ou no dizer de Pilar Viladas uma estética Free Style. Pode dizer-se que tem sido esta estética que tem conduzido a arquitectura a um novo modelo de criatividade. Um amigo meu arquitecto, de grande nomeada disse-me que o meu valor vinha acima de tudo do facto de eu saber lidar com as novas tecnologias, nomeadamente o desenho assistido por computador que permite testar em tempo record o que em termos clássicos levava meses a conseguir.

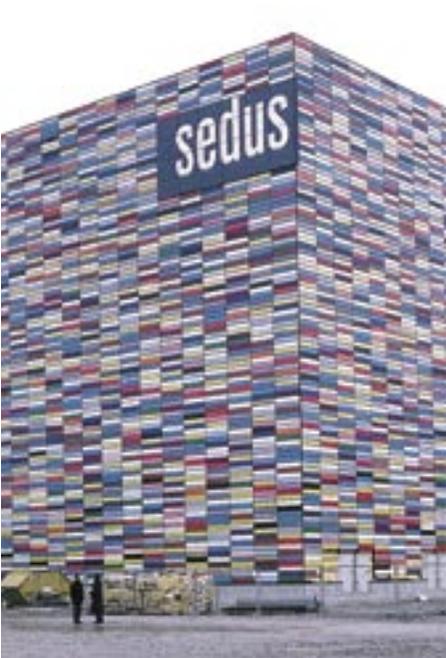
Isto que será verdadeiro relativamente à forma é-o também relativamente à cor e aos espaços. A inovação passa pelo teste permanente e passa naturalmente pela potência do uso de computador.

Podemos dar um exemplo importante, saído da Imagem de Will Alsop.

Este arquitecto teve um ensino clássico típico fundamentalista na Architectural Association (Londres), mas desde o início teve ligações ao Grupo Archigram, o grupo visionário que eventualmente aqui traremos numa possível oportunidade.

As suas últimas realizações mostram claramente a ligação entre a Arquitectura e a Arte.





Assim mostramos o Colégio de Arte e Design de Ontário, Edifício destinado a uma Faculdade e uma Escola de Arte envolve e alberga todo o staff do organismo, assim como os estudantes, bem como todos aqueles que vivem junto a esta construção.

Os conceitos iniciais desenvolvidos em sessões de "WORKSHOPS" questionaram as ideias convencionais de ensino e de aprendizagem em arquitectura em ordem a produzir um totalmente novo edifício/faculdade. Foi através da troca de esboços e de ideias, que a forma base do edifício e a estratégia para a sua elaboração foi obtida.

Todas as ideias originais foram integradas no esquema final do edifício o qual acomoda a dita Faculdade de Arquitectura e Design numa "tábua/bloco voador", oito pisos acima do solo preservando as vistas dos edifícios envolventes.

Como é particularmente visível nas imagens há efectivamente uma clara ligação entre a Arquitectura, o Grafismo, a Pintura e a Arte em geral, pelo que nos parece particularmente apropriado chamar este edifício e este arquitecto a mostrar as suas experiências. Will Alsop trabalha de igual modo com a ajuda do computador e todas as suas diferentes experiências são inicialmente traduzidas em imagens (renderings) produzidas com a ajuda das técnicas digitais.

Estas imagens podem ou não confirmar a direcção da experiência a direcção da pesquisa mas sempre dentro da retórica do anti- minimalismo embora ele não se afaste totalmente do movimento moderno.

É particularmente clara a intervenção das duas esté-

ticas; por um lado o pós moderno radical mas não historicista, e o free style mais ou menos expressionista gráfico.

Nós gostaríamos, que de um ponto de vista intelectual estas páginas e estes exemplos fossem comentados na Ordem dos Arquitectos e nas Escolas de Arquitectura do país, para de algum modo se poder aquilatar de uma mudança possível na arquitectura que se faz e se aquilatar da energia das novas gerações que nós, com alguma razão continuamos a pensar que estão amarradas, por professores, por jornalistas, por críticos de arte, as ideias que eventualmente já estão a estiolar.

Parece pois que, mesmo arquitectos, que se reclamam do modernismo, ou néo modernismo se têm rendido em certos temas ou certos programas ao uso da Cor.

Efectivamente parece ser difícil a manutenção de uma estética ainda por cima dominante, que não faça uso da cor; parece-nos difícil a manutenção de um sistema férreo de controle da vida e obra de artistas arquitectos obrigando-os a manterem-se absolutamente fiéis aos princípios do movimento moderno que obriga de algum modo a usar apenas os materiais na sua cor natural.

Eu penso, que se devem explorar as novas possibilidades da forma e da cor, que se tornaram disponíveis no domínio da arquitectura no último terço do século passado.

Para nós é importante o uso das policromias brilhantes mesmo com padrões fortes e altamente contrastantes. ♥



Palácio Anjos e o Centro de Arte Manuel de Brito

texto de **Carla Rocha**

fotos de **Carlos Santos**

Palácio Anjos tem uma importância reconhecida para a população a vários níveis: cultural, botânico e paisagístico.

Localiza-se no que se considera centro urbano e a sua posição convida à afluência de várias pessoas mesmo fora dos limites de Algés, havendo uma identificação do espaço por parte dos cidadãos. Com a reabilitação do Parque Anjos pretende-se essencialmente manter o carácter histórico da área de intervenção, bastante ligado ao romantismo. Tal como disse Dr. Jorge Miranda no Prefácio do livro “ O Palácio Anjos e a arquitectura de veraneio em Algés”: «Para além da sua indiscutível qualidade arquitectónica e riqueza de pormenores decorativos, ocupa uma posição relevante no imaginário local».

A preservação da identidade conquistada ao longo do tempo considera-se um dos principais garantes da perenidade deste novo espaço de cultura.

Esta casa de veraneio deu lugar ao Centro de Arte Manuel de Brito. O centro surge da convergência do interesse da Câmara Municipal de Oeiras e da vontade da família Manuel de Brito em criar no concelho um pólo de referência no âmbito do circuito cultural nacional ao acolher e dinamizar o acervo representativo da arte visual portuguesa do século XX, tendo por base o trabalho realizado pela família ao longo de décadas.

Para além da apresentação da colecção Manuel de Brito a programação a desenvolver terá particular enfoque nas exposições temporárias, prevendo-se igualmente a promoção de actividades de natureza transdisciplinar, que decorrem do contexto artístico contemporâneo, como seminários, ciclos de cinema, apresentação de livros e performances.

O Centro tem por base uma filosofia de interacção e proximidade com a comunidade envolvente, assumindo uma função de cariz sócio-cultural. ♥



Maria Barroso com Júlio Pomar na inauguração da exposição



Maria Cavaco Silva, Isaltino Morais, família Brito e Mário Soares na inauguração do centro de Arte

Vereadora Elisabete Oliveira **FALA-NOS** **DA COLEÇÃO DE ARTE** **MANUEL DE BRITO**

texto de **Carla Rocha**
fotos de **Carmo Montanha**

Entrevistamos a vereadora Elisabete Oliveira a propósito da coleção de arte, Manuel de Brito, no palácio Anjos. Como a conversa foi entre duas mulheres, soltou-se a língua e recuamos no tempo falando do percurso até ao pelouro da cultura da Câmara Municipal de Oeiras. Aquele que a levou a ter um papel preponderante na assinatura do protocolo entre a autarquia e a família Manuel de Brito, que é o mesmo que dizemos, o protocolo que nos possibilita de ver uma das maiores coleções de arte contemporânea sempre que a vontade nos bate à porta. O acesso à cultura é, em Oeiras, uma possibilidade. A nossa conversa decorreu na Fundação de Oeiras, onde a vereadora Elisabete Oliveira tem o seu gabinete. O sol foi companheiro de conversas e até ele ficou com ganas de banhar o Palácio Anjos, aquele palácio belo, que alberga parte da coleção de Manuel de Brito. O conhecido galerista faleceu fez precisamente um ano no passado dia 29 de Novembro, data essa em que a exposição foi inaugurada.





Foi inevitável perguntar como Elisabete Oliveira começou nas lides políticas e não me surpreendeu saber que a preocupação pública já vem de há longos anos atrás:

«Em 1976, nas primeiras eleições autárquicas, fui candidata à Assembleia de freguesia de Oeiras; depois, para acompanhar o meu marido, que teve de ir para os Açores, renunciei ao mandato. Nas eleições seguintes entrei para Assembleia Municipal onde estive até ao último mandato. E nos dois últimos estive na Assembleia Metropolitana. Sempre estive ligada à política, mais precisamente à autarquia. O meu gosto é actuar aqui, na minha terra. Como não tinha muita disponibilidade de tempo achei que a Assembleia Municipal seria uma forma de estar ligada podendo conciliar com a minha vida pessoal e por outro lado ter alguma actuação em Oeiras». Coincidindo a actuação política com o ano pós Revolução, quis saber se tinha sido o 25 de Abril o motor para a sua cidadania activa: «Não, veio mais cedo. Já vem do meu tempo de Liceu. Sempre estive ligada às associações, creio que já nasceu comigo. Algo que está dentro de mim. A cidadania e a vontade de intervenção». E embora com preocupações sociais, Elisabete só se manteve na política de forma a nunca comprometer a sua vida familiar: «Eu não poderia exercer o cargo que ocupo hoje, há quatro anos atrás. Não podia. Era absolutamente incompatível com a minha vida familiar. Os meus filhos já têm a sua vida e só estou eu e o meu marido que sendo medico também não tem horários e não estranha que eu não tenha. Embora a minha família se tenha ressentido com o meu afastamento. É que não é só o trabalho que acontece aqui no horário mais normal, é o que acontece à noite e aos fins-de-semana». Agora dedica-se de corpo e alma à autarquia. A cultura foi um dos pelouros que tem sob a sua alçada e embora inicialmente se sentisse renitente quanto ao mesmo, hoje constitui uma verdadeira paixão: «A Cultura dá-nos a possibilidade de uma intervenção no concelho que acho muito importante. Eu tinha uma outra visão do que iria ser o meu trabalho na cultura, mas neste momento é um dos pelouros que mais gosto. Embora continue a gostar muito da Acção social e acho que fazemos inúmeras coisas nesse campo. A cultura dá a possibilidade de darmos aos nossos munícipes uma variedade bastante grande, não só no âmbito artístico, como até num âmbito mais pedagógico. Tenho tentado que apostemos muito em coisas para crianças, que vão desde os teatrinhos, música dirigida a esse público específico, e por quê? Porque é aí que se cria o gosto. Se hoje tenho alguma formação musical e gosto de música, é porque os meus pais me levavam quando era pequena a concertos de música clássica. Levavam-me e aquilo não era uma obrigação, não era nada que me fosse imposto. E acho que é necessário criar nas crianças o gosto e para isso elas precisam de ter acesso a esse lado cultural. Nós temos uma

actividade cultural que acho interessante e bastante diversificada. E grande parte das actividades que temos para o publico infantil, não se paga, para que o acesso seja possível a todos. É um investimento da autarquia que acho fundamental e muito bem empregue». A conversa soltou-se a falamos dos auditórios, do Fado, do festival Hip Hop, mas logo, logo quis saber mais sobre a exposição de Arte Contemporânea, Manuel de Brito: «Sempre demos um grande enfoque às exposições, ou seja, no campo das artes plásticas temos uma série de locais onde há exposições, um pouco para todos os gostos. Agora temos a cereja em cima do bolo, com o Centro de Arte Manuel de Brito. É uma riqueza. Nós vamos poder ver, durante 11 anos, para já, uma das melhores colecções de arte contemporânea que Portugal tem». Foi difícil conter o entusiasmo de ter um espaço com Paula Rêgo, Almada Negreiros, Júlio Resende, Eduardo Luiz, Lourdes Castro, Amadeu Souza-Cardoso, entre outros. Quis saber mais, ir aos pormenores, tentar perceber com é que uma colecção tão vasta cabe no Palácio: «Durante 11 anos a colecção vai rodando de forma a dar a conhecer obras diversas. Poderão ficar alguns fixos, que serão aqueles de maior interesse para o público. No entanto, essa parte está ao cargo da Família Manuel de Brito que têm um longo percurso e conhecimento nesta área e serão eles os mais indicados para seleccionarem os que ficam, os que rodam». Fiquei com a sensação que o Palácio Anjos seria sobejamente revisitado durante os próximos 11 anos, mas tão vasto espaço alberga não só as obras de arte, mas também possui uma natureza lúdica e, naturalmente ligada às artes: «O protocolo foi feito por 11 anos, renováveis. Depois, além da exposição haverá mais actividades. O palácio Anjos é o espaço que aloja o Centro de Arte Manuel de Brito que tem uma comissão. Comissão que é constituída pela câmara e família Manuel de Brito. E neste espaço, para além da exposição, pretende-se promover uma dinâmica cultural. Queremos que seja um espaço dinâmico, voltado para a população. Haverá seminários e outras actividades que complementem a exposição».

Por muito que esteja entusiasmada com a exposição, o facto de estar alojada no Palácio Anjos inculca-lhe um acrescido interesse. O palácio, virado para o Tejo, surge como que um íman que nos suga: «O sítio onde está o Centro de Arte é fabuloso. O palácio é romântico. O restauro que sofreu foi muito feliz. Há uma ligação muito interessante. Parece-me que a colecção não poderia estar num melhor sítio».

Concordo. Acabo a entrevista cheia de vontade de correr para Algés e deambular pelo Palácio Anjos. Estar num espaço que apela aos sentidos, percorrer com o olhar obras que nos acrescentam dimensão à nossa vida. Um passeio que não vou perder. Convido-os a fazerem o mesmo. Encontramo-nos por lá, certamente! ♥

Colecção Sentida

entrevista de **Carla Rocha**
fotos de **Carlos Santos**

Foi num dia ensolarado, mas frio, que Rui Brito nos levou a uma visita guiada pelo Palácio Anjos, ou melhor, Centro de Arte, Manuel de Brito. Rui, filho de Manuel de Brito, sabe do que fala. Não obstante do contacto desde sempre com o mundo dos artistas plásticos, decidiu tirar uma licenciatura em História da Arte. Dentro do Palácio está como peixe na água. Mais do que ver as grandes obras dos artistas expostas, assim, ao alcance de um barato bilhete de entrada, quisemos saber o porquê destas primeiras escolhas e o que está por detrás de cada obra. No fundo, quisemos entender a arrumação. Numa colecção de 2000 obras, começamos por 105 e, acreditem, vale a pena as horas, o tempo, a disponibilidade porque ali, no Palácio Anjos, transformamo-nos em tela! «no fundo esta exposição é um aperitivo para o que vem a seguir», começou por dizer o nosso anfitrião.

Entramos estava o sol a pique, deveria ser meio-dia. Lá dentro a luz entrava como que pedindo licença. Estrategicamente colocados, os painéis cortavam o excesso de luminosidade e parece termos entrado no mundo da fantasia, tamanha as cores e as formas. Rui quis começar pela sala da esquerda.

Algumas salas têm lógica, outras nem tanto. Tentamos criar um elemento comum, mas nem sempre é possível». Voltado para o primeiro quadro da sala, Rui explica: «a obra mais antiga da exposição é de 1935 e é o quadro do Máro Eloy e para nós fazia sentido ser este logo o primeiro a ser visto assim que se entra. O principal núcleo da colecção advém da segunda metade do século XX. E no fundo coincide com o início do projecto da Galeria 111 que teve início em 1964. E a partir dessa data houve artistas que fizeram as primeiras exposições e ainda não eram muito conhecidos como é o caso, por exemplo, do Joaquim Bravo, que está na outra sala, depois veio o Álvaro Lapa e por aí a fora». Rui fala com os olhos postos nos quadros, dando a sensação de sorrir para eles: «Esta primeira sala tem, sobretudo o início da colecção. Temos também nesta sala o Eduardo Viana, trabalho do início de Júlio Pomar, o Júlio Resende». Não resisto a perguntar-lhe, quando nos preparamos para sair da primeira sala, qual o quadro que mais gosta. A resposta é desconcertante: «É impossível dizer. Convivi em casa com estas obras todas. Por exemplo, este Máro Eloy estava num corredor de acesso ao meu quarto. As duas Vieira da Silva estavam na sala de estar... são imagens com as quais tenho uma grande afectividade». E ao relançar o último olhar sobre a sala diz: «O Pomar que está nesta sala era o que estava no escritório do meu pai. Ou seja, aqui existe uma série de memórias» Vai-me explicando que tem muitas referências visuais dos quadros enquanto integrados no seu ambiente familiar. Em direcção à sala da direita quem entra no Centro de Artes, passamos por um corredor largo encontra-se uma pequena homenagem a Manuel de Brito, onde um quadro da Fátima Mendonça sobressai.

Na sala da direita Rui, inicialmente, fica à porta, numa tentativa de açambarcar com o olhar todas as obras: «Há pessoas que me dizem que esta é uma colecção sentida. Porque esta colecção é um projecto de vida. As obras

seleccionadas têm, quase todas, uma história. Nós, família Brito, sentimos muito este projecto». Ficamos estanhos a olhar para os quadros enquanto Rui vai falando da sua juventude: «No quarto nunca tive um poster de uma banda de música, mas sim um quadro de Júlio Pomar.» E voltando à sala: «ela contém o início comercial da Galeria 111. Por exemplo, o trabalho de Joaquim Bravo que aqui se encontra, foi o primeiro trabalho a ser exposto, em Fevereiro de 1964. Alguns dos quadros que vimos na primeira sala, embora sejam mais antigos que estes, foram adquiridos





Rui Brito junto aos quadros de Paula Rego

mais recentemente até porque a disponibilidade financeira só nos permite adquirir em maior número, nos anos 80, que foi quando houve o boom de arte em Portugal. Temos aqui artistas que na altura, quando abrimos a galeria, eram muito jovens e faziam as primeiras exposições na galeria. Nesta sala temos trabalhos do início da carreira tal como a Paula Rego, a Menez ... no fundo esta sala fala muito do início da galeria, excluindo uma parede», aqui Rui refere-se à parede da esquerda assim que se entra. E falando desses quadros, Rui afirma: «Fomos buscar o período Surrealista. Aliás podemos ver um quadro de um dos pioneiros do surrealismo em Portugal, António Dacosta.» E quando estamos a sair da sala, insisto em perguntar se naquele espaço tem algum favorito. Rui volta a desarmar: «Pois, aqui vejo a sala dos maus pais». Deito um último olhar à escultura de Rui Bessa que se encontra no canto da sala, simulando um arco-íris.

Passamos para a sala onde se encontram 3 quadros de Paula Rego: «Esta sala tem imenso sucesso. Do ponto de vista cromático é muito apelativa. Temos a Paula Rego, com três quadros muito fortes, mas os restantes quadros que a acompanham, aguentam bem, também são fortes e





Rui Brito ao pé do quadro em homenagem a seu pai, Manuel de Brito

permitem que os quadros convivam todos. Temos aqui um trabalho recente da Graça Morais e um outro histórico. Aqui o ponto de partida foi a Paula Rego. A Fátima Mendonça tem uma relação de amizade com a Paula e fizemos uma aproximação nesta sala. No início ainda pensamos numa sala só de mulheres, mas depois entendemos colocar aqui o Júlio Pomar». Antes de sair da sala, Rui olha para trás e diz: «A Paula Rego é um artista que me diz muito porque tem todo um universo de histórias e fantasia que me encanta. Tem uma personalidade muito especial. Aliás, fala-se das figuras algo rudes e brutas, mas a verdade é que as crianças aderem muito às suas personagens, aos seus quadros». Passamos para uma sala que se estende para o exterior. Pelo meio, Rui levanta um pouco o

véu relativamente aos gostos do pai: «Meu pai tinha um fraco pelo Pomar, para além de serem amigo, ele gostava muito das suas obras». Chegamos à sala da direita após o corredor, Rui continua incansável: «O ponto de partida desta sala foi o Julião Sarmento. Esta obra tem três metros por cima. Este artista tem uma visibilidade muito grande... esta luz a entrar fica aqui uma verdadeira maravilha. Depois temos o trabalho da Lourdes de Castro». Subimos para o segundo piso e assim que chegamos ao cimo do lance de escadas, fomos para a sala da esquerda: «Esta sala tem um pouco dos anos 80. Aqui temos o Eduardo Luiz, é um artista muito importante, mas a geração mais nova não sabe quem ele é. Tem uma obra fantástica e queremos homenageá-lo numa próxima exposição. A próxima



a ser homenageada será a Menez. Aqui temos o Noronha da Costa...esta sala teve algumas limitações por causa dos painéis. Temos a Menez nesta sala que é uma artista que me diz muito. Conheci-a bem e era uma pessoa por quem tinha uma grande admiração. Ela teve uma vida muito complicada e no entanto a pintura dela tem uma frescura, uma suavidade que acho muito interessante». Nesta sala resolvo não perguntar qual o quadro favorito, tinha desistido, mas quando íamos a sair Rui volta para trás e diz: «Nesta sala está um dos meus quadros favoritos. Está um pouco escondido e é o quadro do Eduardo Batarda. Também gosto muito do Batarda como pessoa. É um homem inteligentíssimo. E tem um trabalho notável». Passamos para a última sala, do lado direito de quem sobe as escadas: «Esta sala tem artistas dos anos 90 e mais recentes. Temos o João Leonardo e este é um trabalho que reúne os maços que ele fumou nos últimos dez anos. E é giro vermos que o logótipo foi mudando e este trabalho é muito biográfico. Também temos a Ana Vidigal, que é uma artista que gosto muito e é colagem sobre tela. Tem múltiplas colagens. Aliás, ela anda sempre na Feira da Ladra a recolher elementos e referências. E tem todo este jogo visual e geométrico que é muito interessante. Temos também uma escultura de Rui Chafes, seguidas de um quadro do Francisco Vidal que faz sentido nesta primeira exposição pelo seu quê sentimental e de ligação ao palácio, pois foi aqui que ele aprendeu a desenhar. E a base deste trabalho são tecidos. Este quadro do Xana mostra bem o seu género. Tem estas cores primárias. O Manuel Caeiro, com uma casa de praia. A Isabel Faria tem surpreendido imensa gente que pensa que é fotografia, mas é trabalho a óleo. Ela tem um ponto de partida e para este trabalho procurou palácios e salas de obras, mas apenas como ponto de partida, pois não é, de todo, copia. Temos a Joana Salvador que é neta da Menez, e tem uma pintura de cores muito suaves. **Noto que é um trabalho frágil e afectuoso**». A exposição estava no fim, mas subimos mais um pouco, ao torreão e, com uma vista deslumbrante sob o Tejo, Rui fala-nos de Bartolomeu dos Santos, também ele exposto e também ele com uma ligação ao Palácio. Quando nasceu, corria o ano de 1931 e estávamos no mês de Agosto, Bartolomeu foi passar o seu primeiro Verão na casa de veraneio da família, ou seja, foi para o Palácio Anjos, isto porque seu bisavô era, nada mais, nada menos que o Policarpo Anjos, antigo dono do Palácio. Descemos e na despedida prometi voltar em Abril, mais precisamente dia 27, data em que estes quadros darão lugar a outros e outros quadros darão lugar a mais conversas. Fico ansiosamente à espera. ♥

**Quadro mais antigo da coleção
presente no Centro de Arte**



O delfim da Coleção de Arte, Manuel de Brito

texto de **Carla Rocha**

fotos de **Carmo Montanha**

Francisco Vidal tem apenas 28 anos. A sua história mistura-se com a do Palácio Anjos. Na coleção do Centro de Arte, é o mais novo artista exposto.

Com apenas seis anos a mãe colocou-o no Palácio para ter aulas de desenho. Ele recorda-se muito bem de entrar e subir para a sala defronte para o Tejo e desenhar com o ímpeto de quem tem todo o tempo do mundo. «Sabes, ainda me lembro, nitidamente, do cheiro a madeira que existia no corredor do palácio. Era aquele odor de anos e anos que fica impregnado nas paredes, no chão e vive no ar. Uma coisa sublime!», não, eu do cheiro não me lembro, mas aceito a viagem ao passado à qual Francisco me conduz. «Comecei no Palácio e é nesse mesmo espaço, nessa mesma sala, que anos mais tarde vejo o meu trabalho exposto, como que um reconhecimento do que faço, como que uma meta gratificante ao fim de

anos de trabalho». Anos? Como assim, se a juventude ainda reina por essas bandas? «Pois, isto de se gostar de pintar e querer ter uma vida ligada às artes não é, de todo, fácil. Meus professores diziam que tínhamos de ter originalidade, mas que o reconhecimento pode nunca chegar; ou então tentar ganhar dinheiro imitando outros, mas isso não queria. Não devíamos ser muito comerciais, mas quando és criativo dificilmente consegues vender. Então foi um longo percurso, que fiz com gosto, até chegar aqui». Francisco entrou para a faculdade nas Caldas da Rainha e quando chegou a Oeiras, após finalizar a sua licenciatura, começou a bater às portas na tentativa de mostrar suas obras. Bateu e bateu. Para ganhar





dinheiro foi fazendo outros trabalhos: «**Eu gostei imenso das experiências que tive. É o dia-a-dia que me inspira e vejo os trabalhos que fui realizando como material para as minhas obras.**», Ganhou dinheiro e em 2004 resolve ir para a escola Maumaus: «**sinto que minha vida deu um salto. Convidaram-me para integrar uma exposição colectiva que esteve patente na Fundação de Oeiras e fui vendo o meu nome na imprensa. A partir daí não parei de tentar ir mais longe**». Francisco tem uma serenidade que parece romper com o frenesim da vida. Sorri muito e envolto na sua t-shirt amarela, vai-me explicando, como se o tempo não existisse e com toda a paciência do mundo, que é ligado às cores vivas e que a sua vida mudou quando visitou Cabo Verde, terra da sua mãe: «**Em Cabo Verde encaram as coisas com festa. Gosto de estar em festa, contente e feliz da vida. Gosto de cores. Aprendi a valorizar mais o meu tempo, ou seja, deixei de pensar que o meu tempo não valia muito, para começar a dar-lhe valor**». Ele é mesmo assim, fala sério com um enorme sorriso nos lábios. A sua definição de tempo foi-me confundindo, exemplificou para que percebes-

se melhor: «**Desenhar nas finanças é óptimo. Assim, não passo seca. Ou seja, estou a valorizar o meu tempo, percebes?**», percebi e continuo à espera de mais, do salto que o levou até à colecção Manuel de Brito. «**Fui-me tornando um chato, ligava ao Rui de Brito e insistia para que me desse uma oportunidade, para que visse meu trabalho e a verdade é que tive a concretização de um sonho no passado mês de Setembro quando expus na Galeria 111**». O que sentiste?, perguntei, imaginando um manancial de cores a saírem dos olhos «**Foi a concretização de um sonho. Foi lindo, mágico**» Daí até ao Palácio foi um saltinho. Francisco admira muitos pintores e não quis salientar nenhum. Quando lhe perguntei que quadro gostaria de ter em casa, é peremptório em afirmar: «**Nenhum, ter coisas não nos deixa voar. São âncoras e não quero âncoras. Mas se pudesse ter uma coisa qualquer que fosse, ah!, gostava de ter a caneta com que Fernando Pessoa escreveu o livro do Desassossego. Sim, só pode ser uma caneta especial!**», pois claro, Francisco, e eu gostava de ter um pincel dos que utiliza!
Francisco Vidal, um nome a reter. ♥

SER UMA OBRA DE ARTE

texto e fotografia de **Arq. Luis Maria Rodrigues Baptista**



Qualquer princípio de vida tem na sua origem um processo fisiológico criativo, de ordem divina, natural, humana, social, cultural e artística.

Somos o resultado do processo criativo amoroso, existente já em germen na primeira troca de olhares entre dois amantes: os nossos pais.

Nascemos e a partir desse exacto momento através do exercitamento diário da consciência - a matéria humana dotada de maior plasticidade - passamos a ser responsáveis pelo desenvolvimento criativo do nosso corpo, mais especificamente da nossa vida. Ajudados numa primeira fase por quem está na origem dela, com o objectivo principal de nos manter o corpo e ensinar a fazer escolhas, rapidamente encontramos-nos em situação de absorver e questionar tudo o que nos rodeia. A partir desse momento inicia-se a nova e principal fase do processo criativo que encerramos e do qual fazemos parte através da descoberta das competências humanas e qualidades essenciais, que nos caracterizam e individualizam.

A vida de cada um, dotada de capacidades de plasticidade realizadas pelos nossos gestos de cada dia, com total desconhecimento desse facto na maior parte dos casos, é a matéria-prima por excelência, de fabricação de obras de arte.

Somos o resultado criativo, de um processo divino, simultaneamente mágico e natural de criação, de fabricação e de maquinação de obras de arte.

A grande alteração na definição de obra de arte, aconteceu em 1917, com a criação do conceito "ready-made", por Marcel Duchamp que elevou um simples urinol de produção industrial ao estatuto de obra de arte, assinando-o e chamando-lhe fonte, através da alteração inicial da sua posição e conseqüentemente do seu modo de funcionamento. Este gesto foi apenas o início daquilo que veio a caracterizar toda a arte da década 60, onde mais importante que a produção, realização e construção de um objecto estético era a acção e a gestualidade que estava por detrás dele. Marcel Duchamp fez uma alteração conceptual de natureza programática a um objecto do quotidiano produzido em série atribuindo-lhe um novo sentido funcional. Desviou-o da trajectória

para a qual tinha sido concebido, através da alteração dos seus conteúdos e realidades essenciais.

Fazer uma obra de arte deixou então de se centrar no resultado - objecto estético e passou a centrar-se na situação e no processo de forma e produção desse objecto. Sendo assim a qualidade estética dos objectos artísticos passou a ser avaliada pela qualidade e intensidade das acções e dos gestos com que essas obras eram realizadas.

O corpo Humano passou a ser a principal figura e o principal material de construção dessas obras, quer fossem pictóricas, escultóricas ou arquitectónicas. A fotografia e o vídeo predominaram com a função explícita de registo. Davam forma a estas obras e tornaram-se na única proa documental da sua existência. Novas formas de arte, resultantes deste processo de integração do corpo humano e das suas acções nos processos artísticos, apareceram entretanto, com o nome de happenings, performances e instalações, onde formas de conhecimento das mais variadas áreas da vida científica, política e artística se misturavam e maquetizavam.

A vida deixou de ser representada pela arte e passou a fazer parte dela através da integração das situações humanas e actividades quotidianas que a constituem, nos seus processos de criação. A vida tornou-se a forma de arte mais completa que conhecemos. Como consequência óbvia e natural, o corpo humano de cada um tornou-se potencialmente uma obra de arte e o campo de batalha privilegiado destas manifestações artísticas.

Ser uma obra de arte implica que cada ser humano tenha consciência do seu estatuto de produtor de processos criativos de fabricação, essencialização e ficcionalização da vida a partir das qualidades e das actividades substanciais que a caracterizam como a imaginação, os sonhos, as ideias, o trabalho e as afecções na forma da sua principal figura: o

amor. Ser uma obra de arte implica ser o resultado de um processo de forma, resultante das acções do nosso quotidiano. Implica sabermos que a grande invenção e alteração da arte contemporânea, não está nos objectos ou na qualidade estética dos objectos que produz, está na energia da acção essencializadora, que caracteriza a qualidade dos gestos que realiza e expõe. A qualidade da arte contemporânea está na intensidade da gestualidade e na qualidade imaginária das acções desenvolvidas. É através das acções e da intensidade com que as desenvolvemos que podemos elevar a nossa realidade ao estatuto de obra de arte. Não falo de acções exclusivamente carregadas de valores éticos e estéticos. Falo essencialmente de acções sociais de consciencialização da cultura, de desenvolvimento da consciência, de aumento da intensidade dos gestos que desenhamos diariamente sem nos darmos conta, de processos de forma e construção dos nossos gestos e das suas qualidades físicas e psíquicas e artísticas.

Falo de processos de forma materiais, que cada um dos nossos gestos encerra e que pode alterar sem disso nos apercebermos, os estados humanos em que nos encontramos e dar origem a formas de arte sem aparência ou existência física.

Só através do aumento e do redireccionamento da intensidade e do sentido com que desenvolvemos as nossas acções é que podemos diariamente criar processos de arte e transformarmo-nos ao longo da vida em verdadeiras obras de arte.

Passou quase um século desde que Marcel Duchamp assinou um urinol, virou-o de “pernas para o ar” e chamou-lhe fonte, atribuindo-lhe com esse gesto o estatuto de obra de arte. Façamos o mesmo com a nossa vida na forma do nosso corpo, viremos do avesso, coloquemo-nos de pernas para o ar. Tornemo-nos “Human ready-mades!” (*)

Ser uma obra de arte, implica virarmo-nos do avesso, com intensidade e sentido, com o claro e único objectivo de nos transformarmos em obras de arte, deixarmos de ser seres de produção em série, sem aura.

Ser uma obra de arte, através das acções desenvolvidas quotidianamente e da consciencialização e essencialização da intensidade com que são desenvolvidas, a partir da relação que estabelecemos com as matérias e substâncias com que nos relacionamos, é pensarmos antes de tudo em nós próprios como artistas, conscientes dos processos de forma que desenvolvemos na prática e no exercitamento das nossas actividades quotidianas livres enquanto trabalhamos, aprendemos, limpamos, organizamos,

caminhamos, ensinamos, dançamos ou nos deixamos ficar a sentir acima da média.

Imaginemos as qualidades plásticas do trabalho doméstico, os processos de forma sem aparência a que damos vida enquanto realizamos a limpeza de uma superfície empoeirada, o brilho da madeira ou de pedra que fazemos aparecer através da força e da energia que despendemos nessa acção. Imaginemos o processo de forma por detrás de qualquer princípio essencial de organização arrumação de um espaço. Imaginemos um escalador em contacto com a parede de rocha que tenta vencer. O resultado da sua movimentação nela, através das escolhas realizadas sucessivamente até chegar ao topo é um processo de forma escultórico. O desenho da sua movimentação, a tomada de decisões de molde e de talhe da rocha que executa com o próprio corpo-carne durante a subida, fazem parte do processo artístico sem aparência que realiza através do percurso e do espaço que cria e essencializa enquanto sobe.

Quando todas as acções forem essencializadas e transformadas em processos de forma conscientes, permitidas pela modelação da matéria mais plástica de todas no nosso corpo: a consciência, não serão as obras dos homens que serão videografadas e explicadas, vão ser as próprias pessoas, retiradas temporariamente dos contextos reais em que se encontram, expostas ao lado das acções realizadas, sem medo da exposição pública ou da perda de privacidade do corpo e do pensamento.

Nessa altura, talvez já estaremos a viver em obras de arte.

*HUMAN READY-MADE - é um ser humano elevado ao estatuto de obra de arte . **Versão popular:** Um human ready-made é um ser humano “virado de pernas para o ar”! Um human ready-made é um ser humano virado de cabeça para baixo! **Versão comercial:** Um human ready-made é um ser humano virado de cabeça para baixo nu ou quase nu, a fazer publicidade a uma marca multinacional. Um human ready-made é um ser humano virado de cabeça para baixo, a anunciar uma marca multinacional. **Versão culta e erudita:** Um human ready-made é um ser humano que foi desviado da sua trajectória, através da alteração do sentido dos seus conteúdos e realidades essências! HUMAN SPACE READY-MADE – é um espaço humano que foi alteradamente programaticamente.

Vila Utopia

“Venha viver numa obra de arte.”

É este o chamamento do mote publicitário, da campanha de divulgação do empreendimento imobiliário de qualidade superior, promovido pela Wise - empresa de promoção imobiliária - que dá pelo nome VILA UTOPIA, prestes a aparecer no concelho de Oeiras, mais concretamente no Parque de Santa Cruz em Carnaxide.

A Vila Utopia é constituída por 45 casas, pensadas e projectadas por 18 arquitectos nacionais, alguns reconhecidos e prestigiados internacionalmente, entre eles Gonçalo Byrne, Eduardo Souto Moura e Manuel Aires Mateus, coordenador do projecto. As casas que a constituem pretendem ser a primeira habitação, de famílias endinheiradas, constituídas por quatro ou mais pessoas. Ocupa uma área de 72 mil metros quadrados e representa um investimento na ordem de 40 milhões de euros, financiado pelo Millenim bcp. Os lotes das casas possuem áreas entre os 650 m2 e os 1500m2, com áreas de construção entre os 300m2 e os 750m2, com um preço base mínimo de 750 mil euros que pode chegar a mais do dobro deste valor.

Imediatamente, podemos depreender que os pressupostos sociais de espaço que estão na origem desta vila, nada têm em comum do ponto de vista ideal, com a vila operária tradicional resultante do socialismo utópico do século passado, tão comum na nossa tradição arquitectónica. No entanto empreendimentos desta natureza, privilégio de habitação apenas de alguns, possuem a grande mais valia de colocar em destaque a profissão do arquitecto. Chamo a atenção para uma realidade muitas vezes esquecida, que é o facto de que habitamos espaços predominantemente desqualificados do ponto de vista arquitectónico e que ao habitarmos, encomendarmos ou compramos, espaços desenhados por um arquitecto, ficamos numa situação de dupla vantagem, pelo contacto permitido com espaços potencialmente mais qualificados e pela possibilidade de tornarmo-nos simultaneamente detentores de uma obra arquitectónica assinada, por isso valorizada economicamente à semelhança do que acontece com uma obra de arte. As casas da vila utopia, são distintas de todas as outras que usualmente habitamos, não só pela qualidade dos materiais e dos equipamentos que as constituem

mas principalmente porque (re)conhecemos o valor do seus autores. Não são apenas um investimento imobiliário, são simultaneamente um investimento cultural à semelhança de um investimento numa obra de arte como já foi referido.

A possibilidade de habitar uma obra de arte, não pode passar pelo privilégio de usufruto de um objecto estético arquitectónico de valor económico elevado, repleto de possibilidades performativas mais ou menos livres. Deve antes de tudo ser a possibilidade culta de habitarmos um espaço que alguém - um arquitecto - antes de nós, a nosso pedido ou de outrem, imaginou, pensou, previu e projectou, com o único objectivo de desenhar e potencializar o maior número de acções e gestos quotidianos totalmente livres a quem o for utilizar. Viver numa obra de arte, antes de mais implica que alguém antes de nós, nos imaginou, pensou, previu, projectou, desenhou, essencializou e libertou; que alguém antes de nós permitiu ao nosso corpo a criação de um número infinito de gestos quotidianos e a possibilidade de habitar ideias e pensamentos, concretizados no projecto realizado, independentemente do valor económico que o potencializou.

Viver numa obra de arte, é a possibilidade de agirmos essencialmente no espaço arquitectónico, suporte principal da Vida.

Ser uma obra de arte é a possibilidade de agirmos essencialmente nas mais diversas manifestações da vida.

Viver numa obra de arte, que promove espaços esplêndidos de vida, naturais e construídos, formas de habitar contemporâneas e envolventes culturais e artísticas superiores, como anuncia o mote publicitário de divulgação da Vila Utopia, não pode continuar a ser necessariamente privilégio de alguns.

É urgente a democratização da cultura e a sua transformação em bem e gosto de primeira necessidade, para que a qualidade da vida de cada um, dependa exclusivamente da qualidade essencial das suas acções e das competências humanas e culturais adquiridas ao longo da vida e não do saldo bancário reunido. As possibilidades de cultura que cada ser humano exercita em si deveriam ser a verdadeira moeda de troca da vida, reflectida na intensidade da aura do corpo – obra de arte de cada um. ♥



Comando Naval De olhos postos no mar

texto de **Raquel Viana**

fotos de **Carlos Santos**

Assegurar a busca e o salvamento da vida humana no mar, defender o território nacional, colaborar na luta contra o narcotráfico, prestar apoio à política externa do Estado - nomeadamente através de missões de paz e humanitárias - e combater o terrorismo são algumas das principais funções do Comando Naval. Directamente subordinado ao Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, este Comando é responsável pelo planeamento, pela coordenação, pela condução e pelo controlo da actividade operacional da Marinha portuguesa.

Junto à estrada Marginal, a escassos metros do mar que banha Oeiras, está localizado o edifício que alberga o Comando Naval. É ali que se assegura a condução das operações navais, de acordo com as necessidades de salvaguarda dos interesses nacionais no mar, e que se garante o cumprimento da lei nos espaços marítimos sob jurisdição nacional.

À frente deste Comando está o Vice-Almirante Fernando Vargas de Matos, que nos recebeu no seu gabinete com vista privilegiada sobre a orla marítima de Oeiras. Foi com a frase “A Marinha desagua no mar no Comando Naval” que o Comandante Naval deu início à nossa viagem de conhecimento desta entidade, dando-nos conta das tarefas ali levadas a cabo, no sentido de dar satisfação a missões de vária natureza. Nas suas palavras, “a missão principal é assegurar que a Marinha tem as suas forças prontas para manter no mar os meios que garantem os interesses e a soberania nacionais”.

Sob a alçada do Comandante Naval está o Comando Naval propriamente dito, sediado em Oeiras, os Órgãos de Implantação Territorial de apoio às forças e unidades operacionais, a Componente Naval do Sistema de Forças Nacional, uma estrutura de Comandos Administrativos e os Comandos das Zonas Marítimas. Este Comando da Marinha tem presença constante

no mar – no Norte, no Centro, no Sul, nos Açores e na Madeira – com navios e respectiva guarnição aptos a entrar em acção sempre que seja necessário. “Temos uma força projectável formada por quatro navios, uma força de fuzileiros e mergulhadores pronta a sair em casos de emergência, quer seja em missões de socorro humanitário ou de defesa. Também temos capacidade para levar um hospital de campanha”, revelou-nos o Vice-Almirante. Os exercícios das Forças são regulares, sobretudo direccionados para as ilhas nacionais, nomeadamente ao nível da ocorrência de terremotos.

A par de missões de natureza essencialmente militar, que consistem na defesa integrada do território nacional, na protecção das linhas de comunicação e na satisfação de compromissos internacionais resultantes das alianças, o Comando Naval tem a seu cargo missões de apoio à política externa do Estado.

A este propósito, Vargas de Matos contou-nos que no passado mês de Setembro uma corveta da Marinha portuguesa esteve a cooperar com o Governo de Cabo Verde na fiscalização da Pesca. “Os meios que ali têm são reduzidos, limitando-os a poucas milhas da costa. A nossa corveta esteve lá durante um mês, encontrando-se, em simultâneo, a colaborar na denominada *operação Hera*, realizada no âmbito da União



Europeia, que teve por objectivo promover o controlo da emigração ilegal proveniente, por barco, do Senegal e da Mauritânia. Tratou-se de uma acção conjunta entre vários países tais como a Itália e a Espanha, entre outros”, contou-nos.

A Marinha, através deste Comando, tem estado envolvida, desde 1990, em várias missões de paz, humanitárias e de cooperação, em distintas áreas do globo tais como Angola, Guiné-Bissau, República do Zaire, Moçambique e Bósnia, entre outras. Numa missão de paz, as operações são realizadas com o acordo e a validação dos governos nacionais dos países onde decorrem e são desenvolvidas no âmbito de resoluções das Nações Unidas, muitas vezes com o apoio da NATO. “Por exemplo, em Timor-Lorosaé colaborámos na manutenção da ordem pública para que aquela gente tivesse bem-estar e pudesse preparar-se e decidir o caminho a seguir”, disse-nos Vargas de Matos.

O Comando Naval também tem a seu cargo missões de interesse público. Segundo este Vice-Almirante, “uma das missões mais nobres é participar e assegurar a busca e salvamento da vida humana no mar”.

De facto, todos os dias são realizadas operações de busca e salvamento marítimo pelo Centro de Busca e Salvamento Marítimo, também sob a alçada do Comandante Naval, através do MRCC (Maritime Rescue Coordination Center), que é o “112” do mar, funcionando 24 horas por dia, 365 dias por ano. A este propósito, Vargas de Matos disse-nos haver “quatro ocorrências em média por dia. De dois em dois dias, uma terá alguma gravidade ou implicará o salvamento de vidas humanas no mar”. Apenas neste último ano, o Comando Naval participou em 607 acções de busca e salvamento onde foram salvas 508 pessoas.

As missões de interesse público englobam ainda a segurança da navegação marítima, a vigilância e a fiscalização, a hidrografia e a oceanografia e o assinalamento marítimo.

A colaboração da Marinha com a Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana e a Polícia Judiciária – para repressão de actos ilícitos no mar tais como contrabando e tráfico de estupefacientes – é uma constante.



O Comando Naval é responsável por várias acções ao nível da segurança e a título de exemplo, o Vice-Almirante informou-nos que existe “uma colaboração bastante disponível com a Polícia Judiciária, sobretudo no combate ao narcotráfico”. Mais acrescentou que “o Comando Naval actua em reforço e em cooperação com a Judiciária, que tem como competência lidar com o tráfico de estupefacientes. São eles que têm os contactos com as polícias internacionais e quando têm conhecimento de que há embarcações que vêm do estrangeiro – normalmente das Caraíbas e da América do Sul – pedem-nos colaboração. Somos nós que fazemos o assalto às embarcações suspeitas. Ou seja, nós somos uma espécie de reforço, já que eles é que têm a legitimidade sobre o assunto.”

A surpresa é fulcral num assalto a uma embarcação que traga estupefacientes. “Tudo tem de ser feito tão rapidamente que não permita aos infractores desfazerem-se da carga e ficarmos sem provas. Às vezes utilizamos helicópteros, embarcados nos nossos navios”, disse-nos, acrescentando que “estas acções são feitas com conhecimento e autorização judicial”. Muitas das operações são realizadas em conjunto por várias forças. Por exemplo, “há cerca de um mês, a Polícia Judiciária teve a informação de que um iate proveniente das Caraíbas que se dirigia para a nossa costa, com três tripulantes a bordo, trazia uma carga de estupefacientes. Após a Força Aérea ter detectado a embarcação a cerca de 80 milhas náuticas da costa (150 quilómetros), enviámos ao local uma fragata Classe Vasco da Gama com helicóptero embarcado e um grupo de acções especiais da Marinha. Fizemos o assalto ao amanhecer, surpreendendo os tripulantes enquanto ainda estavam a dormir. Neste iate foi encontrada perto de uma tonelada de cocaína”.

Outra actividade de interesse público é a cooperação levada a cabo com o Serviço Nacional de Protecção Civil, para o apoio a eventuais catástrofes ou calamidades. Um caso bem conhecido foi o do *Prestige*. A Marinha impediu que este navio, perdido, se aproximasse da nossa costa, o que poderá ter evitado uma catástrofe ecológica. “Tivemos um navio junto ao *Prestige* e fomos acompanhando o seu destino, evitando que viesse para a nossa costa, e também a mancha do derrame, combatendo-a, na medida do possível. Também tivemos sorte porque o tempo ajudou! As condições do mar não o trouxeram para as nossas águas”.

Acerca do papel do Comando Naval na defesa nacional ou até internacional face às ameaças terroristas que têm ocorrido em tão grande número nos últimos tempos, Vargas de Matos informou-nos que a Marinha é a única força em Portugal que tem capacidade para

efectuar contra-terrorismo marítimo ou seja, assaltar navios no mar que se pressupõem ter terroristas a bordo. Nestes casos, actua o Destacamento de Acções Especiais dos Fuzileiros, que também depende do Comandante Naval.

Neste âmbito, as acções são sempre de prevenção e dissuasão. “É nisto que nos empenhamos. Também temos participado nas Forças NATO em acções de interdição marítima, para controlo e fiscalização de navegação, como por exemplo no Mediterrâneo Oriental, e temos acções de protecção de navios amigos que visitam os nossos portos. As grandes armas anti-terrorismo são a Inteligence ou seja, o saber, o ter conhecimento antecipado de que algo se prepara, e também ter montados dispositivos de dissuasão e de prevenção. Só depois é que se dá o combate, ou a acção contra o terrorismo. O mais importante é prevenir”, disse o Comandante Naval.

No que diz respeito à relação Comando Naval/NATO, já que as duas Entidades estão co-localizadas em Oeiras, Vargas de Matos informou-nos que aquando da vinda do Comando para este local, em 1995, o Comandante Naval era também Comandante da Zona Ibero-Atlântica. Ao longo dos tempos, o Comando NATO passou a ter mais funções. Antes era só aero-naval (mar e operações aéreas), passando depois a ser conjunto ou seja, foi alargado também às operações terrestres, o que fez com que o comando das duas entidades se separasse. O Comando Naval continua, no entanto, a partilhar instalações e meios de comando e controlo existentes. “Damos também apoio ao Comando NATO, mediante alguns serviços que fazemos, mas isso é o país, não é a Marinha especificamente”, informou-nos Vargas de Matos.

No final do nosso encontro, este homem do mar, com acesso às mais sofisticadas tecnologias ligadas à arte de navegar e à defesa, deixou-nos uma mensagem: “O mar, apesar de toda a nossa técnica, é soberano. O homem tem de aprender a estar com ele, a respeitá-lo, a não tentar controlá-lo. Ainda hoje, com os navios mais sofisticados, a natureza no mar tem sempre a última palavra a dizer”. 🌊

A posição geográfica de Portugal, de significativo valor estratégico face à posição central no Atlântico, charneira entre três continentes, traduz-se num papel fundamental no quadro geopolítico e geoestratégico, não só como garante da segurança e defesa do território nacional disperso (Continente e arquipélagos), mas também da própria Europa e ainda como suporte da Aliança Atlântica.



Investigadores do ITQB
reconhecidos internacionalmente
NO TOPO DA MONTANHA

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Mesmo um leigo terá (porventura...) noção do prestígio e da credibilidade de que uma publicação como a revista "Nature" goza no meio científico. São grandes. O prestígio. E a credibilidade.

Caso fosse possível estabelecer um paralelo, diríamos que, para um investigador, ser autor de um artigo aceite para publicação pela "Nature" é o equivalente, para um actor, a um convite para protagonizar um filme em Hollywood. Ou mais ou menos...

Comparações à parte, publicar na "Nature" é a coroa que glorifica o trabalho de um investigador. Significa reconhecimento, significa aplauso por parte da comunidade científica, de um modo geral.

A particularidade desta revista prende-se com o facto de, à semelhança de outras publicações de topo, exigir, por um lado, "estudos de qualidade" e, por outro, **"estudos que tenham uma abrangência a nível internacional bastante ampla, que não sejam demasiado específicos"**, conforme explica Maria Arménia Carrondo.

Responsável pelo Laboratório de Cristalografia do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB), em Oeiras, Maria Arménia Carrondo foi uma das autoras do artigo que, em Setembro passado, levou uma descoberta made in Oeiras ao conhecimento da comunidade científica de todo o Mundo.

E isto não é pouca coisa.

Num pequeno gabinete anexo ao Laboratório de Controlo de Expressão Génica, a meio de uma tarde cinzenta e chuvosa, Maria Arménia Carrondo e Cecília Arraiano explicam, com toda a paciência do Mundo, o que é afinal isso da «estrutura tridimensional da ribonuclease II (RNase II) bacteriana».

Recorrendo o menos possível ao dialecto científico (a nosso pedido, já se vê...), mas recorrendo muito a gestos e a comparações com a (nossa) vida real, uma investigadora e uma professora catedrática desfazem o mito e desconstroem preconceitos em torno da figura do «cientista».

O gabinete é pequeno, mas feminino, tal como as anfitriãs. Estão a ver o Einstein? Não tem nada a ver. Nem cabelo desgrenhado, nem bigode farfalhado. Mas intensa actividade cerebral, disso não restam dúvidas.

Quanto ao que aqui nos trouxe. A descoberta da estrutura tridimensional da ribonuclease II (RNase II) bacteriana, uma enzima que degrada moléculas de RNA, os mensageiros do genoma.

Cecília Arraiano trabalha em biologia molecular e genética e há anos que se dedica ao estudo dos mecanismos que levam à degradação do RNA.

Um parêntesis. Para percebermos o que é o RNA. Por comparação com o sector da construção. Imaginemos o DNA como o arquitecto que concebe, planeia e desenha o edifício.

Para o executar, para pôr o edifício de pé, entram em campo engenheiros civis, engenheiros de máquinas, electrotécnicos, electricistas, entre muitos outros. Estas pessoas são (ou são como se fossem...) os RNA's.

Certo, até aqui, tudo claro.

Avancemos, então, para as enzimas. As ribonucleases. Estas assumem o papel de gestores de pessoal e, porque não dizê-lo também, fiscais de obra. Asseguram-se de que tudo decorre de acordo com o planeado.

Neste contexto, têm poder para regular a quantidade e a qualidade de RNA's envolvidos no processo. Podem, entre aspas, dispensar funcionários excedentes. Dito de uma forma mais cruel, podem dar cabo deles. Desfazê-los, se for caso disso.

Transposto para a ciência, este é o chamado processo de degradação dos RNA's. É ao estudo deste processo que se tem dedicado Cecília Arraiano, com particular ênfase no papel aqui desempenhado pelas enzimas e, mais especificamente ainda, a ribonuclease II.

A divulgação da descoberta e consequente publicação de um artigo na “Nature” surge na sequência de um trabalho de equipa em conjunto com o grupo de cristalografia de macromoléculas.

Isto aconteceu quando surgiu a necessidade de obter uma imagem, tridimensional, do processo de degradação do RNA.

Essa imagem permitiria, e permitiu, efectivamente, compreender melhor como tudo acontece.

No laboratório de expressão génica, jovens estudantes aplicam, sob orientação de Cecília Arraiano, técnicas de biologia molecular e genética. Não é um ambiente asséptico. Há posters com imagens e frases engraçadas afixados nas paredes, a provar que os cientistas também sabem rir-se deles próprios.

Também há uma escala de “voluntários” que, periodicamente, testam o chuveiro preso ao tecto e que faz parte das medidas de segurança aplicadas em laboratório. Existe e é importante que funcione mesmo que, desejavelmente, nunca venha a ser utilizado.

Puxa-se uma cavilha e... splash! Não vimos, mas acreditamos.

“O trabalho que desenvolvemos aqui permite perceber como actuam as enzimas in vitro. Mas não nos possibilita obter uma imagem tridimensional do processo. Foi aí que o grupo da professora Arménia entrou em campo...”, esclarece Cecília Arraiano.

O grupo dirigido por Maria Arménia Carrondo dedica-se à determinação de estruturas de proteínas por difracção de raios-X. Ou cristalografia de proteínas.



Trata-se, conforme nos explicou, de um método que se baseia num fenómeno físico, a difracção, e que permite saber como são feitas as moléculas que constituem determinada substância.

Para simplificar, podemos referir-nos a uma molécula de água.

“Uma molécula de água é constituída por um átomo de oxigénio e dois átomos de hidrogénio, que não são lineares, formam um certo ângulo. As moléculas não são, de um modo geral, lineares, são a três dimensões, têm um volume e uma forma”.





Se isto é verdade relativamente a moléculas muito simples, é também verdade relativamente às proteínas, que são moléculas muito mais complexas, com milhares de átomos.

Segue-se uma lição de física.

“As proteínas são formadas por uma cadeia polipeptídica, ou seja, são vários aminoácidos seguidos, que se ligam entre si e formam uma cadeia. Esta cadeia, que esticada seria enorme, não existe esticada, existe dobrada sobre si própria, formando uma certa construção a três dimensões no espaço”.

No laboratório tutelado por Maria Arménia Carrondo é possível saber, com exactidão, como é que as moléculas são feitas. Simples, não?

A professora Maria Arménia prossegue, na esclarecedora explanação: **“as proteínas são as moléculas trabalhadoras dos diferentes organismos. Todo o nosso organismo é feito de proteínas que trabalham e formam os diferentes órgãos. A actividade de cada uma das proteínas num organismo qualquer tem muito a ver com a sua forma, com os átomos que a constituem. Se houver uma alteração nessa forma, pode alterar-se a sua actividade. Daí que seja muito importante conhecer a sua forma, para conhecer a**

sua actividade e poder-se modificar, melhorar ou até bloquear a actividade de uma determinada proteína”.

A interdisciplinaridade foi, como se prova, determinante para o sucesso das investigações levadas a cabo no ITQB, que culminaram com a descoberta divulgada pelo artigo publicado na “Nature”.

Para falar das consequências, práticas, desta descoberta, ninguém melhor que Cecília Arraiano, a quem damos, por isso, a palavra: **“percebemos, de imediato, que esta descoberta podia valer muitíssimo a nível da ciência internacional. Mutações nesta enzima são importantes porque em muitos organismos são essenciais à vida – afectam fenómenos como a fotossíntese das plantas, a divisão celular, o desenvolvimento e a virulência de bactérias. Ao fazê-lo, abrimos uma porta, uma porta enorme, para estudos posteriores nesta área”,** refere.

Acresce ainda dizer que o grupo de investigadores sedeados no ITQB conseguiu determinar não apenas a estrutura da enzima em si, mas também a de um mutante natural, facto que permite, de acordo com as investigadoras envolvidas, **“um conhecimento adicional enorme”.**

E nós acreditamos.



A Ribonulcase II, uma exoribonulcase ubíqua que intervém na maturação, processamento e controlo de qualidade do RNA

Publicar um artigo numa revista científica como a “Nature” não é, como se imagina, simples, nem está ao acesso de qualquer investigador.

O conteúdo do artigo é analisado por peritos internacionais que atestam a sua qualidade. Os quatro árbitros que avaliaram o artigo em questão foram unânimes e os comentários produzidos foram “**genericamente, altamente elogiosos**”.

“**Por isso conseguimos vencer na “Nature”**”, explicam as investigadoras.

Refira-se que não é, de todo, comum, para um grupo de investigadores portugueses ou a trabalhar em Portugal, conseguir publicar numa das revistas científicas de maior prestígio, como a “Nature”, a “Science” ou a “Cell”.

Carlos Frazão, investigador auxiliar no ITQB, Colin McVey, investigador Pós-doc no ITQB, Mónica Amblar, investigadora Pós-doc no ITQB, Ana Barbas, estudante de doutoramento no ITQB, Clemens Vonrhein, investigador na Global Phase Limited (Reino Unido), Cecília Arraiano, investigadora principal com agregação no ITQB e Maria Arménia Carrondo, professora catedrática no ITQB, conseguiram. Com um trabalho realizado exclusivamente no ITQB.

No meio científico, é conhecido o denominado “fac-

tor de impacto” de uma publicação, divulgado pelo Web of Knowledge, uma base de dados que classifica as diferentes revistas de acordo com esse grau de importância.

A “Nature” e a “Science” são, geralmente, as duas melhores cotadas. “**São revistas de um âmbito muito alargado ao nível da ciência. Ao tentar ter um artigo ali publicado, estamos a competir com propostas de todo o Mundo, das mais diversas áreas da ciência. É muito difícil mas estas são, de facto, as revistas que têm o factor de impacto mais elevado**”, justificam as investigadoras.

“**Aqui no ITQB estamos, realmente, num oásis. Mas temos consciência que é muito difícil vencer um certo descrédito, quando à partida o artigo é originário de Portugal**”.

“**Estávamos conscientes da importância da nossa investigação. Mas também tínhamos consciência de que tínhamos dois ou três factores conjugados a fazer força para chegarmos lá. Se estivéssemos nos Estados Unidos, um só bastava**”, acrescenta Cecília Arraiano.

Conseguir publicar na “Nature” é, por comparação, “**como um cantor cantar na ópera em Paris ou cantar num teatro nas Caldas da Rainha. O cantor é o mesmo. Cantar nas Caldas da Rainha não lhe tira a qualidade, nem o crédito, mas é diferente...**”. Percebemos porquê...❤





Voices do Fado

Decorreu entre 20 de Outubro e 24 de Novembro de 2006 o Ciclo “VOZES DO FADO” num conjunto de seis espectáculos repartidos pelos Auditórios Municipais Ruy de Carvalho (Carnaxide) e Eunice Muñoz (Oeiras), tendo passado pelos seus palcos as vozes de Ana Moura, Nuno de Câmara Pereira, Raquel Tavares, Ricardo Ribeiro, Maria Ana Bobone e Rodrigo. Este Ciclo apresenta este estilo musical, que continua a encantar diferentes e novas gerações, através das vozes femininas e masculinas que o interpretam, estando presentes os seus mais recentes intérpretes a par daqueles que ao longo das últimas décadas o

projectaram e interpretaram da forma mais intensa. Ao longo dos seis Concertos foi possível seduzir todos os que optaram por estar presentes, proporcionando-lhe gratos momentos de fruição deste género musical ao lado dos intérpretes que mais apreciam. Esteve presente o espírito do fado, a expressão de uma alma colectiva, feita da alma de cada um. Em 2007 voltaremos a dar expressão a este género musical, possivelmente num Ciclo repartido pelos meses de Abril e Novembro. Esteja atento à nossa divulgação se quiser estar presente.

Galinha Pedrês

A Câmara Municipal de Oeiras e a Companhia de Música Teatral, iniciaram em 2005 um projecto de colaboração que incluiu a apresentação do espectáculo ANDAKIBEBÉ e os Workshops MUSIKITOS, a par dos primeiros três números da ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA COM BICHO.

Depois de ter publicado já os Tomos I e II - Caracol e Borboleta, respectivamente – seguiu-se o lançamento do Tomo III - Galinha Pedrês (livro e Cd), o qual decorreu no passado dia 3 de Dezembro de 2006, pelas 12H30, no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, em Carnaxide.

Trata-se de mais um produto, no seguimento de outros que a Companhia de Música Teatral tem

vindo a desenvolver, que pretende de uma forma lúdica ter igualmente um carácter pedagógico proporcionando o enriquecimento musical das crianças a que se destina e aos seus respectivos educadores.

A colecção assenta na criação de um tema/animal sobre o qual gira uma história, se questiona uma adivinha, se sugere um ambiente visual, se articulam movimentos e por fim se melhora o desempenho musical das crianças.

Enquanto são definidos parceiros para a sua venda/distribuição, poderá adquirir estes produtos através do site da Companhia de Música Teatral – www.musicateatral.com.



Oeiras foi palco nacional da celebração do Dia do Coração

Um enorme coração humano e diversas actividades lúdico-desportivas foram organizadas, em Oeiras, para assinalar o Dia Mundial do Coração, no passado 24 de Setembro. O ministro da Saúde fez questão de associar-se à comemoração.

Durante toda a manhã daquele dia, a Praia de Santo Amaro de Oeiras foi o palco nacional desta celebração organizada, conjuntamente, pela Câmara Municipal de Oeiras e pela Fundação Portuguesa de Cardiologia.

Promover a prática regular de exercício físico e a adopção de estilos de vida saudáveis são dois dos principais objectivos associados à comemoração

do Dia Mundial do Coração.

Neste âmbito, foi possível realizar rastreios e obter aconselhamento nas áreas do colesterol, glicemia, tensão arterial e Índice de Massa Corporal.

Uma caminhada, sessões de **fitness** e aulas de **tai-chi-chuan** completaram o programa de actividades, que culminou com a formação de um mega coração humano no areal da praia.

Seguidamente, decorreu a homenagem aos 112 jovens que venceram provas em diversas modalidades, representando o concelho tanto a nível nacional como internacional, com a entrega dos respectivos troféus.

Corrida do Tejo

Decorreu no passado dia 22 de Outubro, a 26ª edição da Corrida do Tejo. Eram 10:00 quando souo o alarme de partida e 5212 participantes desataram a percorrer os 10 km que compreende a prova. Num cenário de rara beleza, os participantes juntaram-se em Algés para uma experiência inesquecível. A corrida levou-os até à praia da Torre.

Esta prova é adequada e procurada por todos os tipos de participantes, desde os mais experientes, como por exemplo Rui Silva, Carla Sacramento, Vanessa Fernandes até os corredores de fins-de-semana. A mancha verde, cor das t-shirt oferecidas, constituíam 90 % da prova. Bom de se participar; bonito de se ver.





Começar a Acabar

Decorreu no passado dia 24 e 5 de Novembro dois espectáculos únicos para um monólogo que teve como ponto de partida uma dramaturgia elaborada por Samuel Beckett, em 1970. No ano em que se celebra o centenário do nascimento de Samuel Beckett, Prémio Nobel da Literatura em 1969, o grupo de teatro Intervalo apresentou Começar a Acabar,

uma co-produção do ACE/Teatro do Bolhão e Teatro Nacional D. Maria II, com direcção, tradução e interpretação de João Lagarto e música de Jorge Palma.

Dois momentos únicos de rara beleza e intensidade que um grande actor transmitiu a uma casa cheia. Palmas.

Semana Cultural do Grupo de Teatro Intervalo

Não há apaixonado pelo teatro que não conheça o Grupo Intervalo. Nascido em 1969, na altura designado 'Primeiro Acto – Clube de Teatro' passa a designar-se 'Intervalo – grupo de teatro a partir de 1985. Ao longo destes 37 anos, muitas peças tiveram lugar, muitas músicas foram entoadas, muitas artistas se formaram e hoje já ninguém duvida do espaço que ganharam, por respeito e merecimento, no panorama cultural do País. E foi no passado mês de Outubro que a Semana Cultural Intervalo teve lugar para comemorar os 37 anos de existência. Armando Caldas, como sempre, ofereceu um

programa variado e riquíssimo a todos os espectadores. Programa esse que contou com grandes nomes do universo artístico português, tais como Rui Mendes, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Pedro Osório, Rui Veloso, Baptista Bastos, Carmen Dolores, Luis Represas entre outros, não esquecendo o teatro, nomeadamente 'Tchekov... Caminhos... Encontros' e 'Uma noite de Cabaret'. Se perdeu essa semana, saiba que em 2007 haverá outra. Tem no entanto de se apressar a reservar lugar contactando o Grupo de Teatro Intervalo. Esteja atento.



Encontros de Outubro

Com o objectivo de homenagear os seus munícipes mais idosos, e a propósito da celebração do Dia Internacional da Pessoa Idosa, a Câmara Municipal de Oeiras desenvolveu, tal como faz todos os anos, durante o mês de Outubro, o programa Encontro de Outubro. Este programa é constituído por um

conjunto de iniciativas tão variadas como o canto, o teatro, exposições, baile entre outras. Para além das actividades que visam este público específico, também se sorteou cem bilhetes para assistirem à peça de teatro Miss Daisy, com Eunice Muñoz.

Centro de Arte, Manuel de Brito

Decorreu no passado dia 29 de Novembro a inauguração, no Palácio Anjos, do Centro de Arte, Manuel de Brito. Um ano após o falecimento do grande galerista e dono da galeria 111 em Lisboa, um protocolo entre a autarquia e a família Brito proporcionou que, durante 11 anos, o acervo da colecção Manuel de Brito, que contém 2000 obras de arte, sejam visitadas pelo público.

A exposição, que está patente até finais de Março, contém 105 obras dando lugar a outra expo-

sição que será inaugurada a 27 de Abril e assim sucessivamente. Foi esta a forma que a família Brito encontrou para mostrar o acervo total da colecção. Também haverá homenagem a vários artistas. O primeiro a ser homenageado será a artista Menez.

A colecção que será a maior colecção de arte contemporânea portuguesa conta também com esculturas e um arquivo documental.



UM SABOR ESPECIAL

texto de Ana Henriques
fotos de Carmo Montanha

Com o nome de Casa das Queijadas de Oeiras, este espaço distingue-se pela qualidade dos seus produtos genuinamente tradicionais e pela maneira como Rui e Carlos, os proprietários, recebem a clientela.



Situado na rua 7 de Junho bem no centro histórico da vila, a Casa das Queijadas não passa despercebida aos olhos de quem por ali passa.

Não é um café, é uma loja de produtos artesanais, arrisco a dizer que é quase um templo gastronómico, onde a simpatia e o acolhimento caloroso dos gémeos, Rui e Carlos, valem só por si a visita. Ingredientes necessários para nos rendermos ao sabor intenso e tradicional das queijadas cujo segredo é unicamente muito empenho, muito gosto, intuição e fabrico artesanal.

Carlos Malato, oriundo de uma família numerosa, é o criador da queijada de castanha, uma ideia que surgiu por brincadeira e que lhe valeu o primeiro prémio, no 5º concurso de doçaria regional com castanha do Alto Alentejo. A partir dessa altura juntaram-se três irmãos o Carlos, o Rui e o Tiago e desenvolveram este projecto para lançar a queijada de Oeiras, hoje um produto registado, protegido e muito apreciado.

“Neste momento produzimos a queijada de Oeiras, os palitos do marquês, as udinhas, os palitos de amêndoa e os bolinhos de amêndoa. Os palitos de amêndoa e os palitos do marquês são receitas que tinham desaparecido e que nós recuperamos, a ideia é ir buscar as nossas memórias gastronómicas que tendem a desaparecer e reafirmá-las no mercado”, explicou o Carlos.

Mas muitos são os projectos e as ideias que têm na manga “como é óbvio a cozinha para nós é um laboratório e, neste momento, estamos a trabalhar na criação de uns doces de citrinos com um sabor muito intenso de limão, lima, laranja e tangerina que venderemos como um produto de Oeiras e serviremos com scones”, explicaram.

Levantaram a pontinha do véu e acrescentaram “dentro desta área gastronómica, para além da bolaria teremos, dentro em breve, salgados, quiches, tudo feito por nós como produtos de tradição local, aliás há limites dentro da produção artesanal que queremos manter. Não temos interesse na massificação.”



Apesar dos poucos meses de funcionamento o balanço da casa das queijadas de Oeiras é francamente positivo “podemos dizer que ainda não fizemos publicidade nenhuma. A Casa das Queijadas é conhecida de passar de boca em boca, a verdade é que todos os dias atendemos caras novas.”

É inevitável falar de projectos para o futuro e é com um brilho nos olhos que Carlos revela que “principalmente é fazer deste projecto um negócio de cariz familiar que se possa prolongar ao longo de várias gerações. O nosso sonho é desenvolver esta área de negócio e transmiti-la de gerações em gerações, consolidar e criar uma imagem forte. Oeiras é um concelho muito dinâmico, muito inovador e apostamos nisso.”

Horário:

Todos os dias das 9h00 às 20h00

Sextas e sábados das 9h00 às 24h00

Encerra às terças

Rua 7 de Junho de 1759, 28 A

Telefone – 214 425 025

e-mail: casa@queijadas.com

www.queijadas.com ♥



José Joaquim de Almeida

Médico Municipal

texto de **Ana Henriques**

Nascido em terras da Beira Alta, mais precisamente no lugar da Ponte, em São Pedro do Sul, no primeiro dia do ano de 1854, encontramos uma personalidade marcante no campo da medicina e da generosidade, José Joaquim de Almeida. Oriundo de uma família modesta de agricultores, mas que formou e educou os filhos 'como senhores'.

José de Almeida formou-se em medicina a 27 de Julho de 1876 pela escola Médico-Cirúrgica do Porto, passou nesse mesmo ano a viver Oeiras onde prestou serviço na fábrica de lanifícios do empresário José Diogo, que viria mais tarde a ser seu sogro pois, casou com sua filha, Virgínia da Purificação da Silva. Apesar do amor e cumplicidade que os unia não tiveram filhos.

Ocupou o lugar de facultativo como na altura era designado o cargo de Médico Municipal. A 10 de Novembro de 1876, com pouco mais de vinte anos apresenta-se a concurso ao partido de cirurgia deste concelho, mas os sucessivos trâmites do concurso arrastaram-se até 1880 e a favor de outro médico municipal, o sexagenário Estanislau Moreira d'Azevedo.

Só em 1887 vem a ser admitido para o lugar de Médico Municipal, exercendo, também, o cargo de subdelegado de saúde e estando ligado à Associação de Socorros Mútuos.

Conhecido como impulsor da assistência aos tuberculosos em Portugal considerava o Sol um objecto de culto e de defesa para a saúde. Foi o fundador e director do Sanatório Marítimo de Carcavelos, a 24 de Agosto de 1902. Fez da profissão um sacerdócio, homem de ciência e grande amigo dos pobres, prestou serviço e dedicou a sua vida à assistência pública e principalmente às crianças.

Ficou popular pelo zelo e caridade, chegando a instalar na sua própria residência doentes carenciados que

tratava com sabedoria e a quem a sua mulher prestava dedicadamente serviços de enfermagem.

Conseguiu, com o apoio de Tomás Ribeiro, outro residente no concelho, a cedência do terreno onde se localizava o Forte do Junqueiro, na Praia de Carcavelos. Este terreno serviu para construir o Sanatório Marítimo de Carcavelos, visto que o seu clima ter sido considerado o melhor local sanatorial destinado ao tratamento da tuberculose óssea.

Quis o destino que a sua vida fosse consagrada à medicina, a fazer o bem, homem de admirável cultura, dedicou-se sempre com humildade e competência a todos os sofredores que o procuravam. Integrou a notável instituição fundada pela Rainha D. Amélia de Orleães, Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Foi fundador e director do Sanatório Marítimo cargo que exerceu sem qualquer remuneração. Representou Portugal nos congressos internacionais de Estocolmo, de Roma e de Berlim, visitando os sanatórios de Berk e Margate em missão de estudo por ordem do governo.

Residiu, em Oeiras, cerca de 30 anos, inicialmente no palacete do pai da sua mulher, na quinta de São Pedro do Areeiro, perto da velha estrada da Torre, mas anos mais tarde, o palacete, a quinta e a fábrica foram vendidos e instalou-se numa casa doada por uma cliente, na Rua Cândido dos Reis nº 156, em 1924. Hoje é o nº66 e propriedade da Misericórdia de Oeiras.

Já na parte final da sua vida foi médico militar por altura da 1ª Grande Guerra. Faleceu a 18 de Dezembro de 1921, aos 67 anos. A sua partida deixou uma enorme saudade, no concelho regista-se o homem, o médico e o munícipe.

O Sanatório Marítimo, após a sua morte, recebeu o seu nome e passou a ser conhecido como Sanatório Dr. José de Almeida, actualmente Hospital Ortopédico António José d'Almeida em Carcavelos. ♥



Parque dos Poetas



Parque dos Poetas

ESILMO S
Marca &

oeiras
Marca o ritmo

